



**Escola Superior
de Educação**

Politécnico de Coimbra

Jornalismo Televisivo

Departamento de Comunicação

Mestrado em Comunicação Social, Novos Media

2021, Ana Rita Pereira Peixoto



**Escola Superior
de Educação**

Politécnico de Coimbra

Ana Rita Pereira Peixoto

Jornalismo Televisivo

Relatório de Estágio em Comunicação Social, Novos Media, apresentado ao Departamento de Comunicação da Escola Superior de Educação de Coimbra para obtenção do grau de Mestre

Constituição do júri

Presidente de Júri: Professor Doutor Gil António Baptista Ferreira

Arguente: Professora Doutora Vera Cristina Vieira Ribeiro

Orientadora: Professora Doutora Susana Maria Cerqueira Borges

Dezembro de 2021

Agradecimentos

Chegar a esta fase implica, para mim, fazer uma retrospectiva dos últimos dois anos. A conclusão a que chego é a de que temos de lutar por aquilo que queremos, mesmo que tenhamos dúvidas se é o acertado, se é o momento e se iremos conseguir. Cabe-nos mostrar a nós mesmos que sim, conseguimos e que não há alturas mais ou menos certas. Há oportunidades que temos de agarrar se de facto é o que desejamos e, depois da oportunidade agarrada é fazer acontecer, mesmo que, pelo caminho, nem sempre acreditemos. No final, estará tudo certo.

Outra conclusão que retiro é a de que, eu – e só posso falar de mim e da minha verdade -, não sou nada sem as pessoas que tenho à minha volta. E esta fase mostrou-me mais ainda, o poder das pessoas certas, no momento certo. As que já estavam na minha vida e as que entraram – devido ao Mestrado, mas não só – e ao longo destes dois anos me acompanharam. Tenho a certeza de que assim continuará.

Agradeço à minha família por todas as ajudas, pelo apoio e pela constante manifestação de orgulho em mim e no meu percurso. Nada me deixa mais feliz do que sentir isto, vindo da parte deles, que há seis anos me deixaram voar sempre para onde quis, mesmo que isso implicasse estarmos reunidos poucas vezes, anualmente.

Agradeço à minha rede de amigos que não duvidou que eu conseguia mesmo quando eu duvidei. Nunca me faltou uma palavra de apoio, nem uma manifestação entusiasta aquando das minhas conquistas, ao longo deste tempo. Que seria de mim sem eles? São família também.

A primeira vez que me candidatei a este Mestrado, decorria o ano de 2018. Entrei, mas não abriu. No ano seguinte, tentei novamente e acredito que o que é para nós, no nosso caminho estará. E porquê? Porque, se a não abertura do Mestrado no ano de 2018 me causou uma grande tristeza e alteração de vida tendo em conta o que eu imaginava, o ano de 2019 trouxe-me uma grande alegria. A entrada e abertura do Mestrado e a Patrícia Jardim, a pessoa que começou por ser uma mera colega e rápido se tornou e é hoje em dia, uma amiga que acredito que é de uma vida.

Não posso terminar os agradecimentos sem mencionar a Delegação da RTP, da Cidade de Coimbra, na qual pude estagiar e onde fui muito, mas muito feliz. Foram três

meses bonitos de viver e terminei a minha passagem, bastante enriquecida em muitos sentidos, com uma grande bagagem de conhecimentos e com o sentimento de propósito cumprido.

Por último, mas não menos importante, uma palavra de apreço aos professores com os quais tive contacto, ao longo destes dois anos de Mestrado. Em especial, ao coordenador de curso, Gil Ferreira e à minha orientadora de estágio, Susana Borges. Esta caminhada não foi feita sozinha, mas sim, com eles também.

A ti Coimbra, o meu eterno agradecimento. Foste e és casa, para sempre.

Jornalismo Televisivo

Resumo: A redação do seguinte relatório de estágio diz respeito ao trabalho final de conclusão de Mestrado em Comunicação Social, Novos Media, da Escola Superior de Educação de Coimbra e surge no seguimento da passagem pela Delegação Centro da RTP. Nele, para além de uma breve revisão bibliográfica sobre o jornalismo televisivo - atividade que desempenhei, sem esquecer o jornalismo radiofónico -, abordo a importância do meio televisivo nos consumos mediáticos informativos contemporâneos e relato três meses de experiência na sede de Coimbra, ao lado de profissionais da RTP e da Antena 1.

Palavras-chave: Relatório de Estágio, Jornalismo Televisivo, Jornalismo Radiofónico, RTP, Antena 1

Television Journalism

Abstract: The following report refers to an internship at the center delegation of RTP, in order to conclude a Master's Degree in Social Communication, New Media, from Escola Superior de Educação de Coimbra. The content reports a three months' experience in Coimbra, under the tutorial of the professionals of RTP and Antena 1. In addition to a brief bibliographical review on television journalism – which I worked on during the internship, as well as broadcast journalism – I focused on the importance of the television medium in contemporary media consumption.

Keywords: Internship report, television journalism, broadcast journalism, RTP, Antena 1

Sumário

Introdução	I
I. Jornalismo Televisivo	1
1. A importância da televisão nos consumos informativos mediáticos	2
1.1. O jornalismo televisivo	4
2. Características, limitações e desafios no telejornalismo	4
2.1. Características	4
2.2. Limitações	5
2.3. Desafios	6
3. A imagem no telejornalismo	7
3.1. Enquadramento, composição e ponto de vista	7
3.2. Planos de captação de imagem	7
3.3. Colocação e movimentos de câmara	9
3.4. Edição	10
4. Os géneros jornalísticos no telejornalismo	11
4.1. A entrevista	12
5. A informação no telejornalismo	15
5.1. O telejornalismo e a importância do(s) pivô(s)	15
5.2. Escrita, relação texto-imagem e locução	16
5.3. Apresentação da informação	19
II. Estágio Curricular na Delegação Regional da RTP em Coimbra	21
1. Contextualização e caracterização da Instituição de acolhimento: RTP	22
2. Local de estágio: A Delegação da RTP em Coimbra	24
2.1. Contexto em que se insere o estágio	25
2.2. A ESEC TV	26
3. A experiência de três meses de estágio na RTP	26
3.1. O meu primeiro dia	28
3.2. A primeira quinzena	28
3.3. Saídas em reportagem	31
3.4. Construção das peças	32
3.5. Calendarização das saídas	33
3.6. Peças realizadas	35

3.7. Caracterização das saídas/peças	35
1. Mural Pediátrico	35
2. Escola de Música São Teotónio	36
3. Gestão de Cuidados Não-Covid	37
4. Declarações Vice Almirante Gouveia e Melo	37
5. Quatros anos dos incêndios de Pedrogão Grande	38
6. Turismo Rural	41
7. Ourém	42
8. Turismo Religioso	42
9. Limpeza da Praia de Mira	43
10. Francisco Rodrigues dos Santos	44
11. Rainha Santa Isabel	44
12. Rui Rio e Paulo Mota Pinto	44
13. Telmo Pinão	45
14. Celebração do 13 de julho	45
15. Nova linha férrea em Viseu	46
16. Transplante hepático	46
17. Festival das Artes QuebraJazz 2021	46
18. Alzheimer	47
19. Castelo de Ourém	48
20. Vigor da Mocidade	49
21. Fóssil da Figueira da Foz	49
22. Colecionador de Puzzles	49
3.8. Outros trabalhos	50
4. Reflexões sobre as rotinas produtivas do jornalismo	51
4.1. A agenda	51
4.2. As fontes de informação, o comportamento do jornalista e os géneros jornalísticos	52
4.3. Os critérios de noticiabilidade ou valores-notícia	57
4.4. A redação, sonorização e locução das peças televisivas e radiofónicas	58
4.5. Pressão do tempo no jornalismo	61
5. Importância dos profissionais da Delegação	63
6. Conclusões finais sobre o estágio e o que fica do estágio	64

Bibliografia70

Lista de abreviaturas

1. ESEC - Escola Superior de Educação de Coimbra
2. RTP – Rádio e Televisão de Portugal
3. SIC – Sociedade Independente de Comunicação
4. TVI – Televisão Independente
5. ESEC TV – Produtora da Escola Superior de Educação de Coimbra
6. COVID-19 – Coronavirus disease 2019
7. CDS – Centro Democrático Social
8. PSD – Partido Social Democrata
9. ADAI – Associação para o Desenvolvimento da Aerodinâmica Industrial
10. CHUC – Centro Hospitalar e Universitário de Coimbra
11. OberCom – Observatório da Comunicação

Lista de tabelas

TABELA 1 - SAÍDAS EM REPORTAGEM	34
TABELA 2 - PEÇAS REALIZADAS	35

Introdução

A “caixinha mágica”, como frequentemente a televisão é apelidada, é presença indispensável em muitos lares. É o meio de comunicação social que “agarra” um público mais heterogéneo e que, através dos seus conteúdos noticiosos, constitui para muitos a única fonte de informação a que têm acesso ou a mais credível. Por este motivo, o jornalismo televisivo exerce um papel fulcral, perante a sociedade, que passa não só por informar, mas também, por formar quem assiste.

Os *media online* têm conquistado cada vez mais público no que respeita às suas preferências para aceder a notícias. A sua diversidade e facilidade de acesso, em qualquer lugar e a qualquer hora faz com que a Internet e a televisão constituam os dois maiores meios de acesso a conteúdo informativo – ainda que a televisão seja o meio mais utilizado e credível para os consumidores.

O presente relatório corresponde ao trabalho final de conclusão de Mestrado em Comunicação Social, Novos Media, da Escola Superior de Educação de Coimbra (ESEC). O estágio curricular realizou-se na Rádio e Televisão de Portugal (RTP), na Delegação de Coimbra, sob a supervisão de Pedro Ribeiro, Coordenador e Jornalista da Antena 1 e com a orientação na ESEC da professora Susana Borges.

O relatório encontra-se dividido em duas partes: a primeira parte aborda - de forma breve - o jornalismo no meio televisivo e as suas especificidades, bem como a importância do meio televisivo nos consumos mediáticos informativos contemporâneos. A segunda parte concerne à instituição de acolhimento de estágio, em que é feita uma breve contextualização e caracterização da estação e, de seguida, o relato de três meses de experiência desde o primeiro dia na Delegação, às saídas e peças realizadas - televisivas e radiofónicas -, terminando com a reflexão sobre as minhas aprendizagens quanto ao jornalismo e as conclusões que tirei da minha experiência.

A possibilidade de estágio foi um dos fatores que motivou o meu ingresso no Mestrado, uma vez que encaro estas oportunidades como possibilidade de aprendizagem e desenvolvimento de competências, para além de constituir uma experiência de preparação para o mercado de trabalho. Não foi à primeira tentativa, pelo facto de o Mestrado não ter aberto, em 2018, mas foi à segunda e, uma vez feito, constitui uma grande conquista.

O JORNALISMO TELEVISIVO

1. A importância da televisão nos consumos informativos contemporâneos

A televisão é um dos meios de comunicação de maior alcance e consumo nas sociedades contemporâneas. Tem um grande poder de impacto e de influência na população, uma vez que é não só uma das principais fontes de informação, mas também de entretenimento. Constituindo-se muitas vezes, conseqüentemente, como um meio de formação (Sousa & Aroso, 2006), nomeadamente de opinião, mas também de comportamentos. O poder da televisão deve-se essencialmente ao facto de se tratar de um meio audiovisual, no qual a imagem (sobretudo), mas também o som, são fundamentais para a construção de mensagens consideradas credíveis e nas quais se pode depositar confiança, dado que funcionam como extensões dos sentidos do público. Quem assiste, sente-se como que “transportado” ao local, como se testemunhasse “ao vivo” aquilo que é transmitido. Aliada à sua dimensão cénica, a ilusão de ausência de mediação, de que o “direto” é paradigmático, contribuem para construir a credibilidade associada às mensagens veiculadas pela televisão.

Como refere Felisbela Lopes, embora apresentando complexas limitações, a televisão tem também reconhecidas potencialidades, como o alcance em termos da população abrangida, a capacidade de promover laços sociais ou o que tem mais força ao nível da capacidade de agendamento. “Poderá não ser o meio que restituiu a imagem mais transparente e menos fragmentária do real, mas será aquele que, (des)contextualizando-nos de um aqui e agora, nos coloca diante de múltiplos estilos de vida. Poderá não ser o meio mais permeável a todo o tipo de acontecimentos, mas será aquele com mais poder estruturante, assumindo-se como uma espécie de arena colectiva onde se partilha um mundo comum ou aquilo que, a partir dessa visibilidade mediática, passa a entregar o espaço público contemporâneo” (Lopes, 2007).

Não obstante a diversidade de *media* disponíveis em 2021, ano em que se assinala o 64º aniversário das emissões regulares da primeira estação televisiva portuguesa – a RTP – verifica-se que a televisão continua a ser o meio a que os portugueses mais recorrem para se informarem, como indicam sucessivos estudos. Pese embora o aparecimento da Internet e dos meios digitais terem vindo mudar padrões de consumo informativos, nomeadamente pela facilidade de acesso – através de *tablets*, computadores ou telemóveis – verifica-se que a televisão continua a ser o meio privilegiado para aceder a notícias (Silva *et al.*, 2017). Os dados constam do estudo

Audiências e cross media: estudo de padrões de consumo de notícias em Portugal, realizado no ano de 2017 com o objetivo de determinar quais os padrões de uso dos *media* noticiosos. No estudo procurou perceber-se se os portugueses consumiam notícias diariamente e quais as suas preferências mediáticas, tendo-se concluído que optavam pela televisão, que continua a estar na linha da frente como o meio tradicional mais credível e utilizado para aceder a notícias - ainda que possa ser acedida através de diferentes plataformas (Silva *et al.*, 2017).

Numa análise comparativa dos hábitos de consumo informativos mediáticos e aferindo da respetiva credibilidade, um estudo realizado em 2020, pelo Observatório da Comunicação (OberCom) em parceria com a Intercampus voltou a indicar que a televisão se mantinha como o meio tradicional privilegiado pelos portugueses para se informarem. O objetivo do estudo foi o de identificar o modo como a pandemia de Covid-19 influenciou as práticas e as atitudes comunicacionais dos cidadãos nacionais. Desde que em março de 2020, o país entrou em estado de emergência – com a imposição, entre outras medidas, de confinamento obrigatório e de restrições à circulação – que se entrou naquilo que tem vindo a ser designado como “o novo normal”. Essa mudança na vida social – sobretudo na fase inicial em que muito pouco se sabia ainda sobre o novo vírus – suscitou um aumento de procura constante de atualização de notícias, tanto por parte das gerações mais novas como das mais velhas (OberCom, 2020). O estudo “Pandemia e consumos mediáticos” revelou que a televisão e a imprensa *online* são os meios privilegiados pelos portugueses. Os dados mostram também que as pessoas se confrontaram com um aumento das *fake news* e o motivo que pode estar na origem deste acontecimento relacionar-se-á com o facto de que, no decorrer desse tempo, as pessoas estavam mais atentas aos meios informativos (OberCom, 2020).

Outro estudo que abordou os consumos mediáticos portugueses após a declaração do estado de emergência revelou também que a televisão era o meio mais utilizado para obter informação, logo seguido dos jornais *online*. Tratava-se também dos tipos de *media* em que os inquiridos afirmavam mais confiar. Os dados revelaram também que quem se informou através dos meios tradicionais revelou um menor grau de aceitação de desinformação (Ferreira & Borges, 2020).

Em suma, o consumo dos *media* tem-se alterado de forma significativa, um pouco por todas as gerações – os mais novos já nascem e crescem num mundo rodeado de

tecnologia digital e os mais velhos aprendem cada vez mais sobre esse mesmo mundo. Ao nível dos conteúdos informativos, também o digital conquistou um papel preponderante nas escolhas informativas, o que fez aumentar também a desinformação devido à abundância de conteúdo nem sempre produzido por profissionais ou verificado por quem o produz. Contudo, o acesso às notícias, através da televisão, continua a ser um dos meios tradicionais mais utilizados na qual os portugueses confiam para se manterem informados.

1.1. O jornalismo televisivo

“Nos primeiros tempos, os sistemas televisivos não transmitiam informação. Foram os governos que propuseram ou mesmo impuseram a difusão de informação nos sistemas de televisão, muitas vezes contra a opinião das estações, que viam na informação algo que lhes retiraria audiência. Foi preciso algum tempo para que os telejornais, ponto central da informação televisiva, se transformassem no momento crucial do horário nobre das estações generalistas” (Sousa & Aroso, 2003, p. 152).

É no final dos anos sessenta que o jornalismo televisivo passa por um processo de transformação, devido ao aparecimento do vídeo, dado que os primeiros telejornais mostravam principalmente mapas, gráficos e fotografias (Sousa & Aroso, 2003). Através do vídeo “passou a ser possível obter imagens dos acontecimentos e mostrá-las pouco tempo depois, sem que o processo fosse particularmente caro ou moroso” (Sousa & Aroso, 2003, p. 152).

O jornalismo televisivo corresponde, desde essa altura de transição, até à atualidade, à produção de informação através da combinação da imagem, som e texto (Sousa & Aroso, 2003). A agregar a esta realidade da televisão, está a presença do pivô que passou a ser uma presença muito apreciada e fundamental, o que, no seu todo, “transformou o telejornal no género televisivo mais capaz de cativar segmentos diferenciados de público” (Sousa & Aroso, 2003, p. 152).

2. Caraterísticas, limitações e desafios no telejornalismo

2.1. Caraterísticas

“A miniaturização dos equipamentos e o desenvolvimento das telecomunicações e da própria tecnologia da televisão tornaram-na um *medium* ágil e permitiram a generalização do recurso ao direto na televisão” (Sousa & Aroso, 2003, p. 83). O direto no telejornalismo passou então a permitir a transmissão, em tempo real, da informação, tornando-se numa ferramenta importante, sempre que possível, nas emissões do telejornal. No entanto, neste mesmo âmbito (telejornalismo), o diferido corresponde ao recurso principal de trabalho, uma vez que permite criar e desenvolver conteúdos com possibilidade de correção de erros e, ainda, proceder à montagem e edição dessas mesmas peças e outras, antes de as tornar públicas às audiências (Sousa & Aroso, 2003).

2.2. Limitações

O jornalismo televisivo, na sua metodologia e prática, apresenta algumas limitações quando exercido. O imediatismo, “oferecido” pelo direto, depende, nos locais em que se encontra a decorrer o acontecimento, não só de meios técnicos para o transmitir de forma imediata, mas também da disponibilidade no mesmo momento de fontes de confiança. No trabalho quotidiano, necessita também de tempo e meios, para procurar e gravar imagens do local e/ou intervenientes e/ou entrevistas com os protagonistas ou testemunhos relacionados com o sucedido. É também importante, antes da divulgação ao público, uma verificação dos factos ocorridos. Todavia, estas “condições” não se verificam quando os telejornais se encontram em direto pouco tempo depois da ocorrência, dado que, quanto mais “em cima” do sucedido, menos é possível reunir os critérios necessários para um bom relato (Jespers, 1998).

O predomínio da imagem corresponde ao “motor” de funcionamento da televisão, visto que é o elemento de mais-valia. No entanto, o telejornalismo depara-se com a problemática da representação do real, uma vez que a realidade nem sempre é representável com imagens. Por este mesmo motivo, pode acontecer que uma redação prescindia de conteúdos informativos por falta de imagens ilustrativas. Resultando, por vezes, na ausência de informações de carácter importante ou, então, numa abordagem “pobre” das mesmas. Por outro lado, a abundância de imagens, pode resultar no “excesso de importância” dado a determinados acontecimentos, pelo facto do tempo nos telejornais ser “limitado”, podendo esse tempo ser aproveitado para serem dadas a conhecer informações mais relevantes – mas para as quais não há imagens associadas.

Ainda dentro do primado da imagem, é possível acontecer a utilização de imagens que estão em arquivo para ilustrar informações, de forma não significativa. O que dificulta desta forma a comunicação, quando o objetivo desse mesmo uso seria facilitar. Acontece que, ao serem divulgadas sem corresponderem ao que é, em si, noticiado, retiram o sentido e poder das mesmas. Estas imagens, no geral, são transmitidas de forma propositada e, muitas vezes, estão dependentes de um comentário/texto para as situar e identificar, para que, desta forma, o espetador/público seja conduzido à sua verdadeira interpretação e seja deste modo evitada a indução a erros. A informação televisiva pode ainda recorrer ao uso da imagem como elemento de apelo à emoção e, desta forma, atrair audiências, dependendo do objetivo pretendido. Contudo, não existindo um “policiamento” do que é transmitido e da forma como é transmitido, assim como da sua recorrência, pode acontecer a falta de raciocínio perante o que é visto. E, assim sendo, a intenção dos factos reais, tornados públicos, pode perder-se (Jespers, 1998). “A televisão é o império da imagem. Não há televisão sem imagem e tudo se subordina à imagem. Associada ao som, a imagem condiciona a televisão e dá-lhe corpo, essência, significado e representação. Mesmo na informação, a imagem representa dois terços da mensagem” (Oliveira, 2007, p. 13).

2.3. Desafios

No jornalismo televisivo há desafios que se colocam aos jornalistas. A compensação da ausência de imagens de acontecimentos corresponde a um dos maiores desafios enfrentados, visto que o telejornalismo incide no uso de imagens de substituição para noticiar muitas situações de carácter imprevisível. São também usadas imagens do pós-acontecimento, acompanhadas de texto descritivo do acontecimento e de imagens de testemunhas do acontecimento a relatar o sucedido. Em alguns casos, precede-se à reconstrução ficcionada do acontecimento para apelar à atratividade e emoções (Sousa & Aroso, 2003).

A obtenção de imagens que possam insinuar conceitos abstratos, sempre que se justificar, para compensar a incapacidade de representação dos mesmos, é mais um dos desafios (Sousa & Aroso, 2003).

A articulação entre as imagens e o comentário sobre as imagens (texto *off*) e/ou legendas, tendo em conta que, por vezes as imagens e texto e/ou legendas, noticiados,

não se correlacionam. O que pode levar a uma má interpretação do que foi visto e ouvido (Sousa & Aroso, 2003).

Tem de ser respeitado o poder da imagem, pois, muitas vezes, as imagens e sons ambiente, outros sons ou até mesmo legendas recolhidas bastam para a transmissão de uma mensagem televisiva. Dispensando assim o texto *off*, que nada mais faz do que sobrecarregar as peças, quando as imagens “falam por si” (Sousa & Aroso, 2003).

3. A imagem no telejornalismo

3.1. Enquadramento, composição e ponto de vista

O enquadramento diz respeito à área visual da imagem que se está a captar. Quando se combinam elementos dentro da área visual, a fim de conseguir um resultado único, estamos perante a composição. Durante a captação da imagem, os pontos de vista nela incluídos servem para gerar interpretações diferentes consoante o evidenciado (Sousa & Aroso, 2003).

3.2. Planos de captação de imagem

“Grosso modo, um plano corresponde a um segmento de imagem” (Sousa & Aroso, 2003, p. 93). Contudo, as imagens não têm a mesma abrangência e relevância. E é por não significarem todas o mesmo que existem vários planos (cada um com o seu significado), para se poder conhecer melhor as imagens e trabalhar-se com elas (Oliveira, 2007, p. 13).

Existem assim, segundo Jorge Pedro Sousa e Inês Aroso (2003), os seguintes planos, que vão desde os mais abertos aos mais fechados:

- › Plano geral – Plano essencialmente de carácter informativo. No telejornalismo funciona como “plano ambiente”, ou seja, capta imagens do local (descrevendo todos os elementos presentes) em que se desenvolve ou já desenvolveu o acontecimento, situando o telespetador. A duração deve ser prolongada o suficiente para que se possa fazer uma leitura de tudo o que está presente na imagem;
- › Plano de conjunto- Plano mais fechado do que o plano geral, de carácter descritivo, em que os elementos presentes na imagem estão em conjunto no ambiente da

- ação e devem ser facilmente identificáveis. Por comparação ao plano geral uma vez que este plano é mais fechado, a duração de leitura da imagem é menor;
- › Plano de corpo inteiro- Plano geralmente associado a imagens de pessoas, ainda que se possam também associar a imagens de objetos, desde que apareça tudo por “inteiro” como o nome do plano sugere e preenchem o enquadramento, uma vez que é esse o objetivo;
 - › Plano americano- Plano mais fechado em comparação ao plano de corpo inteiro, aplicado apenas a pessoas em que só aparecem até aos joelhos (ligeiramente acima). O objetivo deste plano passa por mostrar o jornalista e o ambiente em que este se encontra, evidenciando-o (jornalista) em comparação ao plano anterior;
 - › Plano médio- Plano bastante usado no telejornalismo, que enquadra e relaciona os sujeitos e os objetos do ambiente, dando precisão e destaque à ação da imagem. No que concerne a pessoas, este plano capta imagem até à cintura. No que respeita a objetos, é apenas captada uma parte dos mesmos. Isto resulta numa breve leitura da imagem;
 - › Plano próximo- Plano de crescente uso no telejornalismo, no entanto, mais fechado por comparação ao plano médio. Quanto o sujeito da imagem são pessoas, estas são captadas até à zona do peito. Já o objeto é enquadrado apenas numa parte. Este plano é também de leitura breve, tal como o anterior, contudo tem menos carga informativa a passar;
 - › Grande plano- Plano de carácter mais expressivo do que informativo, usado em telejornalismo com frequência pela fácil leitura, uma vez que o enquadramento da figura humana centra o rosto até à linha dos ombros, podendo atrair a atenção do telespetador com maior facilidade devido ao apelo à emoção pelo dramatismo da imagem;
 - › Muito grande – plano ou Plano de pormenor – Planos de rápida e fácil leitura da imagem, tendo em conta que no plano muito grande, o foco, no que respeita à figura humana, está no rosto, aparecendo apenas desde a testa até ao queixo. E, no plano de pormenor, como o próprio nome indica, são captados pormenores da figura humana ou ambiente. Em comum, estes dois planos têm o objetivo de colocar expressividade e dramatismo na imagem (Sousa & Aroso, 2003).

Os planos mostram a mesma realidade em diferentes enquadramentos, de maneira a guiar o telespetador a uma maior ou melhor compreensão do que é visto. Por isso, quanto maior for a abertura do plano, mais informação contém. Quanto mais fechado o plano, menos informação e mais apelo à emoção. Assim sendo, a duração dos planos não deve ser nem demasiado longa nem demasiado curta, mas sim adequada a cada um (plano), para permitir a leitura da imagem no seu todo e evitar a desatenção do público (Sousa & Aroso, 2003).

3.3. Colocação e movimentos de câmara

No telejornalismo recorre-se a planos estáticos e movimentos de câmara para acompanhar e descrever a ação, figura humana e/ou o objeto, da imagem (Sousa & Aroso, 2003).

A posição da câmara, de forma propositada, ao mesmo nível da pessoa, objeto ou situação, corresponde a um plano normal; quando a captação de imagem é realizada de cima para baixo, corresponde ao plano picado e, por norma, tende a desvalorizar o que nela aparece. Quando a imagem é capturada de forma contrária, ou seja, de baixo para cima, esta corresponde a um plano contrapicado e é geradora do efeito inverso ao do plano picado, tendendo a valorizar o que está a ser captado (Sousa & Aroso, 2003).

Os movimentos mais comuns de câmara, em telejornalismo, dizem respeito à panorâmica – em que a câmara está fixa no local a captar, rodando apenas na horizontal (esquerda para a direita ou direita para a esquerda) e vertical (ascendente ou descendente) com o objetivo de descrever o espaço e acompanhar os movimentos ou até mesmo ligar situações; ao *travelling* – que diz respeito aos movimentos de câmara sobre o seu próprio eixo e trajetória do deslocamento. Estes podem ser igualmente horizontais e verticais e têm como objetivo acompanhar o movimento de um objeto, ainda que possam também ser usados como elo de ligação de situações, acompanhamento de uma ação e/ou descrição de espaços, sendo pouco usado em telejornalismo uma vez que é preciso dispor dos meios técnicos necessários; ao *tracking* – que consiste no “acompanhamento” da figura humana ou objeto que se encontra em movimento. Este, é o menos usado em jornalismo televisivo. E por fim, o *zoom* – que diz respeito à abertura de um plano (*zoom out*) – útil para mostrar espaços, afastando o telespetador, da ação; e

fecho de plano (*zoom in*) – útil para realçar pormenores e aproximar o telespetador da ação (Sousa & Aroso, 2003).

3.4. Edição

Em televisão, edição é o termo correto para o conjunto de operações de tratamento de conteúdos, a fim de os tornar em peças televisivas. Este processo engloba a seleção e combinação ou recombinação das imagens e sons recolhidos e é a fase em que é possível introduzir imagens e sons (texto *off*, som ambiente, efeitos sonoros, etc.), produzidos para o efeito e até mesmo elementos gráficos fixos ou animados que expliquem/retratam, caso necessário, o que está a ser noticiado. É, então, através deste método que se procura contar uma história em imagens, antes de se adicionar ou ser preciso adicionar texto *off* à peça (Sousa & Aroso, 2003). Para que haja uma estruturação da peça, “podem-se usar umas folhas especiais, capazes de orientar o telejornalista no que respeita ao tempo, à narrativa audiovisual e à dimensão do comentário *off* que se pode incluir” (Sousa & Aroso, 2003, p. 32).

Para que as peças tenham um bom resultado final e “agarrem” os telespetadores, é regra que: os movimentos de câmara não sofram interrupções; o conteúdo varie de plano, ainda que ambos sejam do mesmo tipo; as reportagens, quanto maior for a sua duração, maior deve ser o cuidado em evitar que o texto *off* seja demasiado longo, dado que as imagens e sons recolhidos precisam de “respirar”. Todavia, esta regra não inclui os sons-ambiente ou entrevistados/testemunhos que estejam integrados/captados nas imagens. Refere-se sim ao texto *off*. No processo de recolha de imagens deve ter-se especial atenção em procurar um sujeito-chave, ou até mesmo uma imagem-chave, para conduzir a um processo de montagem da peça muito mais bem-sucedido (Sousa & Aroso, 2003).

No processo de montagem, a sequência dos planos tem, portanto, a possibilidade de ser alterada e o som, tal como as imagens, pode também ser mantido, mudado ou até mesmo misturado (geralmente, o som-ambiente de cada plano é misturado com a voz *off*) – desde que a duração dos planos seja igual ou similar, pode haver alteração de um plano por outro. Por norma, acontece uma captação de vários planos e é feita uma seleção de alguns, de modo que, sem perder o nexó necessário da mensagem, a peça final dure menos do que a contabilização dos planos recolhidos inicialmente. Há ainda formas de

organização dos planos, em telejornalismo, que facilitam a “arrumação” das imagens na construção de determinados conteúdos. Os mais comuns, são: a sucessão cronológica, em que o seu eixo condutor e semântico, corresponde ao tempo; a sucessão lógica, em que é a lógica dos acontecimentos a gerir a ordem dos planos; o *flashback*, em que se parte do presente, mas volta-se atrás de maneira a contar as causas da situação atual, e a antítese, em que se alternam imagens com valor oposto (Sousa & Aroso, 2003).

4. Os géneros jornalísticos no telejornalismo

“A comunicação jornalística em televisão não é uniforme. Os diferentes produtos socorrem-se de técnicas e efeitos muito diversos para fazerem passar a mensagem e alcançarem os seus objetivos: serem vistos, ouvidos e entendidos pelo maior número possível de pessoas” (Oliveira, 2007, p. 9).

Os géneros jornalísticos são formas de transmissão de informação, que constituem uma mais-valia, ao nível da comunicação, no meio televisivo. Em comum têm o facto de serem modos de comunicar e de serem emitidos em televisão. E, distinguem-se pela duração, formato, linguagem televisiva e linguagem jornalística. São vários, porque a variedade das formas constitui uma ajuda na comunicação da mensagem e consequente atenção e perceção dos espetadores e porque nem toda a informação pode, nem deve, ser dita da mesma maneira (Oliveira, 2007).

Os principais géneros jornalísticos, segundo Jorge Oliveira (2007), são os seguintes:

- › Peça de telejornal - Informação tratada em *off* ou numa peça curta, de duração não superior a 1’20”; o tema nem sempre é de importância crucial; o seu tratamento nem sempre exige grande investigação nem trabalho de exterior; os recursos e meios utilizados são rudimentares (e.g. não implica diretos, pós-produção vídeo nem áudio, etc.);
- › Reportagem de telejornal - Informação recolhida *in loco*¹, com duração variável entre os 1’20” e os 1’50”; o tema é geralmente de grande importância; o seu tratamento exige vastos recursos técnicos e o conhecimento seguro de regras de preparação, produção, conceção e execução; exige meios de produção (diretos,

¹ No local.

como exemplo) e de pós-produção sofisticados; aplica técnicas narrativas próprias, baseadas em critérios de preponderância da imagem, tempo de discurso, ritmo, velocidade, pausa e técnica de escrita;

- › Documentário ou grande reportagem - Trabalho de longa duração, variável entre os 25 e os 50 minutos; tema de fôlego, relacionado com a atualidade imediata (Grande Reportagem) ou com questões que, não sendo urgentes, se ligam à atualidade (Documentário). A Grande Reportagem aborda uma questão atual, premente, polémica. O Documentário é mais vasto, mais pausado, olha mais para o fundo do que para a superfície. Em ambos os géneros, a investigação jornalística é demorada e aprofundada; exige um maior tempo de produção e de preparação, bem como um maior tempo de execução. Implica o recurso a meios e técnicas muito sofisticadas, quer do ponto de vista operacional, quer do ponto de vista jornalístico-televisivo; a narrativa obedece a regras estritas; o ritmo e a técnica de escrita são particularmente importantes; as sequências de imagens e de 'vivos' devem ser criteriosamente montadas e os movimentos de câmara podem ser mais lentos e amplos.
- › Entrevista - Relação entre um entrevistador e um ou dois entrevistados; pode ser em direto ou gravada; raramente exige recursos complexos de realização, mas requer a aplicação de técnicas apropriadas.
- › Debate - Relação entre um entrevistador e vários convidados, com ou sem público; em direto ou gravado; exige recursos complexos de realização e requer habilitação técnica apropriada;
- › Apresentação - Relação entre o jornalista e a câmara de televisão; pode ser transmitida em direto ou gravada; em estúdio ou no exterior. Pode assumir a forma de pivô de telejornal (quem conduz a informação); de vivo de reportagem (pode ser usado na falta de imagens/ jornalista explica acontecimentos); de direto do exterior (resumo/atualização da informação/marca a presença da televisão no local) (Oliveira, 2007, pp. 11- 12).

4.1. A entrevista

A par com a captação de imagens e o comentário sobre imagens, a entrevista é um dos três grandes pilares do trabalho diário da informação em televisão. Torna possível a descrição de acontecimentos, declarações, interpretação de algum assunto, parecer sobre temas polémicos e atuais, esclarecimento de um acontecimento ou de uma problemática. “Juntamente com a reportagem e a grande reportagem (documentário), a entrevista, nas suas diferentes cambiantes, é o género telejornalístico por excelência” (Sousa & Aroso, 2003, p. 142).

A entrevista é um género de diálogo e o que determina o seu sucesso é o conhecimento do jornalista relativamente ao entrevistado e ao tema a abordar, permitindo obter boas respostas às perguntas colocadas pelo jornalista, uma vez que este não pode deixar que haja perguntas sem resposta ou até mesmo que o entrevistado fuja às perguntas, competindo-lhe assim salientar contradições nas respostas, esclarecer dissimulações ou declarações problemáticas de que se vá apercebendo. O jornalista deve, assim sendo, pôr o entrevistado a falar, fazendo com que este fale, inclusive, o que não quer. Sem que para esse efeito seja rude, desrespeitoso e indelicado e, pelo contrário, seja educado e contido (Sousa & Aroso, 2003).

Este género pode ser transmitido em direto ou em diferido (ainda que neste último caso tenha a oportunidade de passar pela montagem, deve-se respeitar o essencial da entrevista, fazendo uma edição ética). Pode ocorrer no contexto do acontecimento ou fora do mesmo, significando, assim, a existência de uma relação direta ou indireta com o sucedido (Sousa & Aroso, 2003).

Para começo de entrevista, o jornalista apresenta o(s) entrevistado(s), assim como as razões pelas quais recaiu a escolha e pelas quais a entrevista irá decorrer. As questões colocadas cumprem determinadas regras, tais como e entre outras: ser específicas e claras, curtas e diretas, fortes e incisivas, apelando a respostas simples e rápidas, mas esclarecedoras; colocadas uma de cada vez; a entrevista deve ser dividida em blocos temáticos, que se devem “gastar” antes de se passar para o bloco seguinte e, entre os blocos, pode fazer-se um intervalo ou até mesmo a troca de entrevistador, dado que jornalistas especializados podem, conseqüentemente, obter um proveito maior do entrevistado do que o jornalista anterior (nestes casos, é comum existir um entrevistador que une toda a entrevista e que cede a palavra a vários outros jornalistas, à vez, para interrogarem o entrevistado); devem evitar-se perguntas de resposta “sim” ou “não”;

devem adaptar-se ao entrevistado: se é de poucas palavras, há que o fazer falar; se é falador, há que o “travar” nos momentos apropriados, com delicadeza, mas firmeza; se o entrevistado se perde no discurso, o entrevistador deve relembrar a pergunta ou em que parte o entrevistado estava; o entrevistador tem de conduzir a entrevista e o entrevistado dentro dos limites de tempo; a primeira pergunta de cada bloco deve prender a atenção do telespetador e permitir uma resposta fácil e curta do entrevistado; possibilidade de substituição das questões por afirmações que façam com que o entrevistado se pronuncie sobre o assunto (Sousa & Aroso, 2003, pp. 146-147).

Antes mesmo da entrevista começar, caso haja possibilidade o jornalista deve ter um primeiro contacto com o entrevistado, de modo que o jornalista possa recolher informações que completem as já reunidas, colocá-lo à vontade e fazer testes técnicos (Sousa & Aroso, 2003).

Ao longo da entrevista, o jornalista deve demonstrar capacidade de escutar e ir reagindo ao que está a ouvir (quer concorde ou não com o que foi dito pelo entrevistado), evitar qualquer tipo de obstáculos à comunicação verbal do entrevistado, como: expressões que levantem dúvidas quanto à inteligência do entrevistado; expressões repetidas em demasia; designação das pessoas por nacionalidades, etnias, credos, etc.; interrupções constantes; palavras sérias ditas em tom de brincadeira e/ou troça; pronúncia incorreta de palavras e/ou expressões; apelos inoportunos (como exemplo: “repita para todos ouvirem!”); E ainda, facilitar a comunicação interpessoal: assumir uma posição face-a-face e ao mesmo nível do entrevistado; respeitar o espaço do entrevistado; evitar a interposição de barreiras físicas; evitar olhares fixos e intensos sobre o entrevistado e, assumir uma postura de atendimento e abertura, com gestos abertos e tronco levemente inclinado (Sousa & Aroso, 2003, p. 144).

Segundo Jorge Pedro Sousa e Inês Aroso (2003), as entrevistas podem classificar-se quanto aos temas a abordar (política, economia, saúde, desporto, etc.), quanto aos objetivos a obter (descrição, testemunhos, explicações, etc.) e, quanto às entrevistas – número de entrevistadores e entrevistados:

- › Um entrevistador/ um entrevistado – em que a entrevista requer grande trabalho de pesquisa; é feita frente-a-frente, em estúdio (quando assim é, por norma o entrevistado é figura televisiva) ou em outro espaço;

- › Vários entrevistadores/ um entrevistado – em que a entrevista, geralmente ocorre em estúdio e, por norma o entrevistado corresponde a uma figura pública e os entrevistados (caso seja em estúdio), são especialistas em várias áreas;
- › Vários entrevistadores/ vários entrevistados – tipo de entrevista rara de acontecer pela possível complicação de gestão dos intervenientes;
- › Um entrevistador/ vários entrevistados – em que a entrevista, por norma, é mais dinâmica, o que pode originar uma difícil gestão por parte do entrevistador relativamente ao tempo de intervenção de cada entrevistado e em caso de um ou vários entrevistados não respondam ao que lhes é perguntado ou não deixem falar outros entrevistados, nomeadamente em temas de carácter polémico, em que estes tenham posições diferentes.

No decorrer da entrevista e até ao seu fim, a posição do jornalista e do entrevistado é de se ter em conta. O entrevistado deve dirigir o olhar para o jornalista e não para a câmara. Quanto aos planos, são preferíveis os planos frontais e a três quartos porque permitem aos telespetadores identificar o jornalista e o entrevistado (Sousa & Aroso, 2003). Segundo Marcello Giacomantonio, “uma tomada frontal evidencia as características expressivas de uma personagem, tendo valor descritivo, a tomada de perfil explora a estética do motivo e a tomada a três quartos, muito comum em telejornalismo (por exemplo, em entrevistas), situa-se entre ambas” (citado por Sousa & Aroso, 2003, p. 90).

5. A informação no telejornalismo

5.1. O jornal e a importância do(s) pivô(s)

“Os primeiros telejornais pouco mais eram do que uma sucessão de jornalistas a lerem notícias” (Sousa & Aroso, 2003, p. 152).

Com a evolução do jornalismo televisivo, a presença do pivô passou a representar, com mais força, um elemento essencial e crucial, no telejornal. É o rosto que transmite credibilidade à informação nos mais variados temas. É “a voz” do público quando tem convidados em estúdio e os questiona, de acordo com o que motivou o convite. É por ele que passa a introdução das peças e eventual comentário, assim como a ligação entre temáticas e a passagem de testemunho aos colegas repórteres no exterior. E, com

frequência, faz a voz *off* das notícias curtas e também dos destaques de abertura da emissão (Sousa & Aroso, 2003).

As emissões do telejornal obedecem a uma ordem esquemática, que diz respeito ao sumário (por vezes dizendo respeito ao destaque de uma só notícia); genérico; abertura/saudação; destaque; nacional; internacional; local; culturas e espetáculos; desporto e/ou acontecimentos variados sem ligação entre eles e, o fecho da emissão/saudação (Sousa & Aroso, 2003).

É nos sumários que se encontram os destaques do telejornal e nos quais se pode dar maior ênfase, através de voz *off* e as imagens disponíveis, para cativar a atenção do público, para a informação. “Tática” essa que as estações televisivas mais sensacionalistas usam para “prender” o público de início ao fim no telejornal, para que estes vejam o desfecho da curiosidade alimentada inicialmente. Os sumários repetem-se ainda em caso de intervalo(s), no começo novamente da emissão, de acordo com o que se segue e com a importância da informação (Sousa & Aroso, 2003).

No telejornal, os diversos blocos nele incluído, culminam numa emissão em contínuo. Estes blocos tanto podem ser apresentados pelo mesmo pivô, como pode um bloco ser apresentado por um pivô e o seguinte ser apresentado por outro pivô. E, no decorrer da emissão, à imagem típica jornalística, acrescem como complemento legendas escritas e imagens eletrónicas – colocadas em rodapé e no canto superior direito do ecrã -, para ajudar na atenção do público e na sua consequente perceção do noticiado (Sousa & Aroso, 2003).

5.2. Escrita, relação texto-imagem e locução

O texto das peças diz respeito a uma ferramenta essencial na construção do conteúdo telejornalístico. E, para tal, ainda que não haja “fórmulas mágicas para a redação do texto telejornalístico, o mais importante é contar bem o que há para contar, usando imagens e respetivos sons (declarações, sons-ambiente, etc.), texto-*off*, efeitos sonoros, gráficos animados, etc.” (Sousa & Aroso, 2003, p. 116).

Como já mencionado, a imagem é o “motor” de funcionamento da televisão e, por este mesmo motivo, a regra mais importante da escrita jornalística é o respeito pela imagem. O que significa que o telejornalista, antes de proceder à estruturação do texto *off* para colocar nas imagens, deve fazer exatamente o contrário e realizar a montagem

audiovisual, antes do texto *off*, de modo que a peça conte uma história só com imagens e não entre em contradição no que respeita ao que é dito e ao que é mostrado. As peças, inclusive, só de forma intencional é que se podem lançar sem imagem e apenas com texto *off*. Texto esse que, a par com as imagens, quanto maior for a duração da peça, menor deve ser a duração do comentário sobre imagens, uma vez que o telejornalista deve ser bastante seletivo no que tem a dizer, simplificando os factos, respondendo às questões que as imagens suscitam a respeito do conteúdo informativo (Sousa & Aroso, 2003).

O texto *off* tem ainda uma função de explicitação de sentido das imagens, uma função de complementaridade, bem como a função de estimular a imaginação do público para a associação mental de conceitos abstratos com as imagens disponibilizadas e, ainda, a capacidade para alertar para particularidades da imagem. Porém, é preciso ter cuidado para não se “cair” na redundância e comentar-se pormenores ou situações claramente visíveis no ecrã (Sousa & Aroso, 2003).

O telejornalista deve começar por usar a voz *off* após as imagens lançadas e respetivos sons iniciais – mais precisamente três segundos -, para atender às possíveis perguntas (“O quê?”, “Quem?”, “Onde?”, “Quando?”, “Como?” e “Porquê?”) colocadas pelo público perante a visualização da peça. Assim como ir situando ao longo da(s) mesma(s), o público, com o crucial (redundância temática) (Sousa & Aroso, 2003).

Uma peça televisiva é pensada e elaborada em três tempos, que são eles: a introdução – que tem de ter a capacidade de “atrair” telespetadores, desenvolvimento e conclusão. Sendo que o início e final de cada peça têm de ser de impacto (Sousa & Aroso, 2003). “*Introdução*, colocação da ideia central: *desenvolvimento*, abordagem de cada um dos diferentes aspetos relacionados com a ideia central e, com isso, utilizando ideias importantes e ideias secundárias; *conclusão*, voltada à ideia central, mas dando um desfecho, através de uma ideia importante ou um final surpreendente” (da Cunha, 1990, p. 70).

No telejornalismo existem ainda entre outras regras: a acessibilidade e compreensão da informação do público, “à primeira”. Ou seja, o telejornalista ao produzir as suas peças tem de pensar nos telespetadores-alvo, no entanto, é uma tarefa complicada porque não pode apenas elaborar com base nos números maiores das estatísticas do telejornal, mas sim, a pensar nos telespetadores pretendidos ou previstos, de todos os níveis sociais, tendo por isso que modificar a linguagem da informação,

tornando-a mais acessível e de fácil compreensão, assim que ouvida. Podendo contornar, deste modo, o binómio desejo/desinteresse em relação a assistir ao telejornal, por parte do público e, constituir uma possível solução para contornar também a heterogeneidade das audiências. As frases devem conter entre 15 e 17 palavras e, cada frase, deve transmitir no máximo duas ideias distintas. É necessário ter em atenção o tempo e a duração, uma vez que as frases com cerca de 15 palavras podem demorar até seis segundos a ler, com voz pausada, que é a aconselhada para a enunciação telejornalística. Os números complexos devem ser arredondados; a informação televisiva deve ser sucinta e precisa, revelando o mais importante a saber-se, dado que o excesso de detalhes pode atrapalhar a compreensão do noticiado. E, quanto ao noticiado, ancorar o texto *off* às imagens é uma forma de contribuir para a perceção da mensagem transmitida e, por consequência, para mobilizar a atenção do telespetador para o que se observa (Sousa & Aroso, 2003). “O texto telejornalístico tem de ser escrito para ser falado. Em jornalismo contam-se histórias, não se leem textos’. A mensagem tem de ser inteligível, clara, simples, facilmente perceptível, coloquial, direta e informativa” (Sousa & Aroso, 2003, p. 119).

Ao nível da dicção, o texto *off* deve ser lido em voz alta, para que haja uma pronúncia correta de todas as palavras e uma possível alteração das palavras que o telejornalista tenha mais dificuldade em pronunciar. Assim como a sonoridade deve ser feita num tom familiar (Sousa & Aroso, 2003). “Muitas vezes um sinónimo pode dar harmonia à sonoridade de uma frase sem qualquer prejuízo à informação. Outras vezes, mudando a ordem das palavras consegue dar sonoridade à oração. Isto porque palavras mal colocadas quebram o ritmo do tópico, o que é fundamental. O equilíbrio do texto favorece a concentração de quem ouve. Não pode ser contundente ou agressivo; nem monótono ou lento. Para ritmar, usa frases curtas que ajudam a compreensão e dá um sentido de ação à notícia, além de imprimir-lhe objetividade” (da Cunha, 1990, p. 72).

“De uma forma sistemática, podem-se, assim, estabelecer várias regras principais para a elaboração dos comentários sobre imagens, regras essas que na maior parte dos casos são extensíveis à produção de quaisquer textos informativos em telejornalismo. Há que relevar, porém, que não há regra que não possa ter exceção: tudo depende do efeito que se pretende dar à mensagem, face à necessidade de se mobilizar a atenção do telespetador” (Sousa & Aroso, 2003, p. 120).

5.3. Apresentação da informação

A informação telejornalística tem como objetivo ser exposta, de modo a contar uma história em frente à câmara, como se esta de outra pessoa se tratasse. Por esse motivo, o pivô, quando fala, dirige-se ao espetador (Sousa & Aroso, 2003).

O sucesso da apresentação por parte do pivô é um fator de credibilização da informação e de identificação para com ele, por parte dos espetadores. Este sucesso relaciona-se diretamente com a empatia pessoal do telejornalista e com a capacidade de ser autêntico na interpretação, dicção e postura. “A credibilidade é a característica mais valiosa de um apresentador de informação televisiva. Sóbrio e comunicativo, o apresentador deve “seduzir” o espetador, atraindo-o sem o distrair” (Oliveira, 2007, p. 52). Para “reforçar” a possível identificação, o vestuário, adereços e penteado devem adequar-se ao formato em questão. Aliás, para além do cuidado estético, deve existir um cuidado maior relacionado com o vestuário, no que respeita a cores, brilhos ou riscas horizontais, para não originar problemas técnicos durante a emissão (Sousa & Aroso, 2003). “O processo sensorial consciente correlacionado com um processo fisiológico gera bem-estar em quem assiste a um jornal televisivo. A roupa, além de colaborar com a técnica eletrónica, tem ainda grande valor na apresentação de um repórter (...)” (da Cunha, 1990, p. 65).

Durante a apresentação da informação, o pivô deve estar concentrado e, ao mesmo tempo, com uma postura descontraída. Para isso, ajuda existir um conhecimento do que se pretende dizer, dos temas a abordar e da ligação entre eles. Deve também, quer seja em apresentação do telejornal ou em direto, manter o contacto ocular com a câmara, em especial no começo e final das peças e não deixar “morrer as frases” (Sousa & Aroso, 2003).

No decorrer do telejornal, em estúdio, o pivô pode ter um copo de água na sua mesa, porque pode ser útil caso a garganta seque e a voz falhe. Contudo, caso precise, deve aproveitar enquanto a peça está no ar. Na sua mesa pode e deve ter um guião em papel (e na atualidade *tablets*), assim como uma caneta para fazer anotações e assinalar as peças já transmitidas – útil sobretudo em caso de falha do teleponto (Sousa & Aroso, 2003).

Em caso de não existir teleponto e, caso o pivô tenha então um papel à sua frente, é preferível que o plano abra para que este se veja, assim como a secretária (caso esteja sentado) e o papel, para que não suscitem dúvidas por parte do público sobre o que leva o pivô a olhar, de forma constante, para baixo. Em situação de direto, se o jornalista lê apontamentos/indicações de um papel, não deve esconder quando não precisa, mas sim, segurar na mão e estender o braço ao longo do corpo. Sempre que precisar, pode recorrer, estendendo de novo o braço (Sousa & Aroso, 2003).

De modo a realçar ideias, em apresentação do telejornal, o uso de duas câmaras possibilita o sublinhar de uma passagem importante, olhando nesse momento para a segunda câmara, sem perder o contacto “olhos nos olhos” e com o plano mais fechado em comparação com o inicial. Logo depois “deve passar-se novamente para o plano e câmara iniciais e não usar mais o artifício, pois perder-se-ia a surpresa e, portanto, o efeito dramático” (Sousa & Aroso, 2003, p.159). Pode acontecer também, o pivô lançar um comentário para que este aja como rodapé para uma peça completa ou parte de uma peça (Sousa & Aroso, 2003).

ESTÁGIO CURRICULAR NA DELEGAÇÃO REGIONAL DA RTP EM COIMBRA

1. Contextualização e caracterização da Instituição de acolhimento: RTP

“A RTP é a empresa de *media* com mais história e tradição na comunicação social portuguesa.”² Teve a sua primeira emissão experimental televisiva a 4 de setembro de 1956, no recinto da Feira Popular, em Lisboa. Contudo, as emissões regulares começaram oficialmente a partir de 7 de março de 1957, constituindo desta forma, o primeiro canal de televisão público (o que significa que este canal é em parte financiado pelo Estado), em Portugal. Situação que apenas se alterou em 1992 com o aparecimento do primeiro canal de televisão privado (o que significa que este canal se autofinancia através da publicidade): **SIC** – Sociedade Independente de Televisão - e, em 1993, com o segundo canal privado: **TVI** – Televisão Independente (Vaz, 2009).

As primeiras emissões desta estação eram de carácter radiofónico (devido ao registo de voz) com a junção da imagem, uma vez que eram apresentados por jornalistas que vinham da rádio. No entanto, o passar dos anos e o aparecimento dos canais privados – sinal de concorrência -, espoletou uma mudança ao nível da qualidade do canal, passando a existir um registo de carácter televisivo e telejornais mais longos, dinâmicos, elaborados e variados (Vaz, 2009).

“A primeira fase do plano de cobertura foi orientada para servir as três áreas mais populacionais do país: Lisboa, Porto e Coimbra. Nos meados dos anos 60, passou-se a transmitir para todo o território nacional” (Martins, 2013).

Como já referido, a RTP é um canal de televisão público - pertence ao Estado e é financiado pelo mesmo -, o que faz com que tenha de prestar serviço de cariz público, como o próprio nome indica. Ou seja, tem o papel de informar e formar o telespetador (Vaz, 2009). Por este motivo, a missão e objetivos encontram-se no *Contrato de Concessão do Serviço Público de Rádio e de Televisão* - renovado periodicamente – porém, “as políticas da Empresa são estabelecidas pelo Conselho de Administração, em linha com os objetivos fixados e as orientações transmitidas pelo Conselho Geral Independente.”³ Assim sendo, de acordo com os princípios de atuação da cláusula 4, ponto 1, do *Contrato de Concessão de Serviço Público de*

² Dados retirados da Cronologia, disponível em <https://media.rtp.pt/empresa/rtp/historia/> Consultado a 04/02/2021.

³ Dados retirados da Cronologia, disponível em <https://media.rtp.pt/empresa/rtp/missao/> Consultado a 04/02/2021.

Televisão, “a Concessionária garante, nos termos do n.º 2 do artigo 50.º da Lei da Televisão, e do n.º 2 do artigo 48.º da Lei da Rádio, que a prestação do serviço público ocorre na estrita observância dos princípios da universalidade e da coesão nacional, da diversificação, da qualidade, da diferenciação e da indivisibilidade da programação, do pluralismo e do rigor. Da isenção e da independência da informação, bem como do princípio da inovação.”

À RTP cabe ser, uma fonte confiável de “acrescento de informação”, que permita disponibilizar informação útil, à vida dos seus telespetadores. Desta forma, e segundo a cláusula 6.º, ponto 2, alínea c) do *Contrato de Concessão de Serviço Público de Televisão*, diz respeito ao telejornal “proporcionar uma informação isenta, rigorosa, contextualizada, plural e aberta ao contraditório, que garanta a cobertura noticiosa dos principais acontecimentos nacionais e internacionais”. E também, diferentes formas de aquisição de informação/conhecimento. “O serviço e programas temático informativo destina-se à prestação especializada de informação nas suas diferentes formas, designadamente documentários, reportagens, noticiários e debates, acerca de temas, ideias e protagonistas não representados habitualmente na comunicação social, devendo fornecer uma informação de referência e alternativa face a oferta do mercado” (Cláusula 13.º, ponto 1, do *Contrato de Concessão de Serviço Público de Televisão*) Ao canal cabe ainda, entre outros pontos presentes no contrato, oferecer “um serviço de programas generalista distribuído em simultâneo em todo o território nacional com o objetivo de satisfazer as necessidades formativas, informativas, culturais e recreativas do grande público” (Cláusula 7.º, ponto 2, alínea a) do *Contrato de Concessão de Serviço Público de Televisão*). Ou seja, um leque de programas diferenciados para satisfazer a necessidade de interesses diversos dos telespetadores.

A RTP, como serviço público, “é de todos e para todos”⁴ existindo, por isso, também a garantia em cláusula, de possibilidade de acompanhamento das emissões, por parte de telespetadores com necessidades especiais (Cláusula 6.º, ponto 2, alínea l) do *Contrato de Concessão de Serviço Público de Televisão*).

⁴ Dados retirados da Cronologia, disponível em <https://media.rtp.pt/empresa/rtp/missao/> Consultado a 04/02/2021.

Em conclusão, compete à RTP oferecer ao público rigor na comunicação e informação e, conteúdo diversificado, em prol do conhecimento e da aproximação dos telespetadores ao canal (Vaz, 2009).

2. Local de estágio: A Delegação da RTP em Coimbra

A Delegação de Coimbra é um dos vários Centros Regionais da RTP, espalhados pelo país – com sede em Lisboa -, que não se limita apenas a prestar cobertura informativa na região de Coimbra, mas a mais áreas de Intervenção da região centro.

Até à elaboração do presente relatório, a Delegação da RTP em Coimbra - onde é prestado serviço público de televisão e rádio -, é coordenada pelo jornalista da Antena 1, Pedro Ribeiro. Para além dele, trabalham na Delegação os jornalistas: Horácio Antunes (Antena 1), Carolina Ferreira (faz trabalhos para rádio e televisão), Paulo Rolão (RTP) Joaquim Reis (Antena 1), Diana Craveiro (Antena 1), Ana Simões (RTP e, pontualmente, faz trabalhos para rádio) e João Costa, locutor da Antena 1. Para além destes profissionais, durante os três meses de estágio, encontrava-se integrado na redação o jornalista Álvaro Coimbra, que, entretanto, abandonou funções e é atual Presidente da Câmara Municipal de Penacova.

A Delegação dispõe ainda de três repórteres de imagem: Cláudio Calhau, Paulo Oliveira e Pedro Teodoro. O repórter de imagem, João Agante, que habitualmente está nas instalações da RTP de Viseu, chegou também a fazer trabalhos na Delegação de Coimbra.

Quanto à rádio, estão em funções dois técnicos de som: Jaime Antunes e Rui Oliveira. A Delegação conta ainda com João Guedes, responsável pela parte técnica dos equipamentos; duas secretárias: Rosa Antunes e Ilda Godinho; dois seguranças e trabalhadores que asseguram a manutenção e limpeza das instalações.

A RTP Coimbra dispõe de duas redações - onde se encontram jornalistas e repórteres de imagem juntos -, que têm várias mesas cada uma com o seu computador. Em tempo de pandemia, cada lugar estava destinado a cada profissional, assim como nós estagiárias, tínhamos o nosso; televisões, que por norma estão ligadas em canais informativos; rádio sincronizada na Antena 1 e jornais generalistas, regionais e desportivos, atualizados diariamente, nas secretárias. A Delegação conta ainda com dois estúdios de rádio, três ilhas de edição e montagem de peças e

reportagens televisivas, uma régie e um estúdio de televisão. A empresa tem também ao seu dispor os equipamentos necessários (câmaras, gravadores, microfones) para a realização das peças e ainda, viaturas identificadas para assegurar os serviços necessários para a concretização do trabalho.

A Delegação produz trabalhos pedidos pelas sedes de Lisboa e Porto, mas também produz alguns trabalhos por iniciativa própria, como pude testemunhar.

2.1. Contexto em que se insere o estágio

Estagiar na Rádio e Televisão de Portugal, inicialmente, foi sugestão do coordenador de curso, Gil Ferreira, de acordo com o que eu pretendia para o trabalho final de Mestrado. As indicações foram as melhores, o que me interessou desde logo. A juntar a isto, as referências muito positivas, de pessoas que passaram pela RTP, no que diz respeito aos profissionais, ambiente de trabalho e trabalho na redação.

Perto da data de começo de estágio, ocorreu o segundo confinamento, pelo que a data prevista foi adiada e aguardei de fevereiro até início de maio para ter a confirmação de que poderia estagiar. Tendo em conta a situação que vivíamos, como estagiar era a única opção que eu tinha pensada para trabalho final de Mestrado, preferi aguardar até à última possibilidade. E, apesar dos meses de incerteza e de receio de que esta oportunidade não fosse acontecer, felizmente deu tudo certo e pude disfrutar de três meses de estágio na Delegação Regional de Coimbra, em que os meus objetivos passavam por: aproveitar a experiência tanto quanto me fosse permitido – nomeadamente, poder acompanhar as práticas audiovisuais e aprender o máximo de informação nas área do jornalismo televisivo e radiofónico através da observação e contacto com os profissionais e poder experienciar as duas vertentes do jornalismo: rádio e televisão – escrita de peças televisivas e radiofónicas, gravação e edição. Em suma, a minha vontade era a de, através desta experiência, ter contacto com o jornalismo em contexto real, absorver conhecimento e desenvolver competências, para que esta passagem constitua uma mais-valia, a nível profissional, no futuro.

2.2. A ESEC TV

Em meados de junho de 2020, surgiu a possibilidade de estagiar na RTP. Tendo em conta que a minha formação base não é na área da comunicação social, o meu coordenador de curso sugeriu que eu fizesse uma passagem pela ESEC TV, antes de iniciar o estágio, para que pudesse ter um primeiro contacto mais direto com a área. O que acabou por acontecer, por alguns dias, a partir do final do mês de setembro até outubro. E assim pude acompanhar trabalhos tanto dentro da escola como fora dela.

Em estúdio assisti a gravações da Magazine da ESEC TV, com a pivô. Lembro-me de estar bastante atenta à forma como ela se preparava: desde a roupa que estava a vestir à maquilhagem que estava a usar; desde a sua postura corporal ao seu jeito de apresentar. Lembro-me também de querer ver tudo o que se estava a passar no momento da gravação: desde as indicações que uma das suas professoras (do curso de Comunicação Social que estava a tirar) lhe ia dando quando precisava em relação à forma de pronunciar as palavras, ao tom, à postura, ao cabelo, às expressões faciais; desde olhar para os monitores para ver que planos lhe estavam a tirar e como ela aparecia; desde olhar para o teleponto para ver até que ponto ela seguia tudo o que lá estava escrito. Dentro daquelas paredes, tudo me soava a aprendizagem e gostei muito de poder lá estar, nestas alturas em específico, para acompanhar como tudo se processa por trás das câmaras.

Fora do estúdio, num dia à tarde/noite, fui com a equipa até ao Centro Cultural Penedo da Saudade para um concerto de estreia do projeto musical *Sete Pés* - criado por dois amigos, durante a quarentena -, que terminou com uma entrevista, realizada por um estagiário.

Devido à pandemia, foram poucas as idas para a ESEC TV porque o espaço é pequeno e não havia muito mais que eu pudesse presenciar por lá, naquela altura. Contudo, as vezes em que lá estive foram bastante satisfatórias para mim e felizmente tive a oportunidade.

3. A experiência de três meses de estágio na RTP

Poder estagiar na área da comunicação social foi um dos motivos pelos quais me candidatei ao Mestrado em Comunicação Social, Novos Media, na Escola Superior de Educação de Coimbra. Poder estagiar numa estação de televisão era uma vontade

maior ainda, desde que soube que a ESEC tem vários protocolos que me poderiam “oferecer” essa possibilidade.

Com o surgimento da oportunidade na RTP, apesar de sentir que seria um grande desafio que pela frente teria, tentei encarar como uma grande oportunidade de aprendizagem e tinha a sensação de que seria uma experiência feliz. E de facto foi!

Recordo que, no início, quando me perguntavam se tinha preferência por televisão ou rádio, respondia televisão porque, até então, a televisão sempre me fascinou mais. No entanto, à medida que o tempo foi passando e tive contacto com a rádio, quando a pergunta me era feita, a resposta já não era igual. Os dois tipos de jornalismo tinham as suas particularidades e eu apreciava as duas.

O jornalismo radiofónico foi o meu primeiro trabalho em redação durante duas semanas e, desde logo, apesar de saber que precisava de mais conhecimento e de prática para ter um melhor desempenho, senti-me confortável com o tipo de trabalho que estava a fazer e gostava de o fazer.

Com o início das saídas para o terreno, a primeira foi em televisão e o entusiasmo em volta de tudo era grande e na construção das peças, a sensação que tinha era parecida à de quando trabalhava para rádio: sentia-me bem e gostava. Tal como nas saídas com a rádio, o meu entusiasmo também era grande. A curiosidade sobre como tudo se constrói, neste meio, sempre me despertou atenção.

Apesar de me sentir bem e confortável com o trabalho, o nervosismo também fez parte de mim quando se tratava de ser eu a entrevistar. Era uma enorme responsabilidade, no meu entender, e a sensação que tinha é que não estava preparada sempre que pensava no assunto. Não por não ser capaz, mas porque receava que o desempenho não fosse bom ou que comprometesse o trabalho, algo que não aconteceria porque teria sempre o jornalista comigo. No fundo, não queria fazer má figura e essa insegurança fazia-me travar todas as ideias sobre os temas a desenvolver e por isso não o queria fazer. Assim sendo, numa primeira fase preferia acompanhar apenas e, numa fase mais avançada do estágio, quando me foi proposto fazer as perguntas, apesar do nervosismo que me invadiu, não virei as costas ao desafio. Contudo, esse desafio não chegou a ser colocado em prática porque pouco tempo depois me lembrei que no dia da reportagem não iria poder estar com a RTP, porque nesse horário iria levar a vacina contra a covid-19. Na semana seguinte, foi a

minha última semana de estágio, bastante atarefada por sinal e em que apenas saí uma vez. No entanto, mesmo que não tenha acontecido, não sinto que ficou em falta porque assisti diversas vezes ao desempenho de bons profissionais e isso para mim era das partes mais importantes e interessantes a nível de oportunidades na empresa.

3.1. O meu primeiro dia

O meu primeiro dia fica marcado pela ansiedade e nervosismo. Mas acima de tudo, pela sensação de que seria uma experiência bonita. Comecei o estágio a 10 de maio de 2021 e nesse dia tinha de estar na redação por volta das 10 horas. Cheguei pouco tempo antes e aguardei na receção. No espaço de minutos conheci a estagiária que viveria a mesma experiência que eu, no mesmo espaço de tempo e com quem mantive uma boa relação.

Assim que o Pedro Ribeiro (meu orientador na empresa) chegou, deu-nos a conhecer o espaço. E, à medida que o tempo foi passando e os profissionais chegaram, as apresentações foram sendo feitas. Lembro-me que foram todos muito simpáticos, bem-humorados e que me receberam muito bem, o que ajudou bastante a descontrair.

À medida que as instalações nos iam sendo mostradas, Pedro Ribeiro foi dizendo o que nos estava destinado fazer ao longo dos três meses. E, feitas as apresentações e explicado o funcionamento, o primeiro dia estava dado como terminado. Voltaríamos no dia seguinte, prontas para trabalhar.

3.2. A primeira quinzena

Ao longo das duas primeiras semanas, os trabalhos foram desenvolvidos na redação, correspondendo a sínteses de notícias. No primeiro dia, o Coordenador da Antena 1 e RTP – em Coimbra, Viseu, Leiria e Aveiro Sul -, Pedro Ribeiro deixou na mesa 10 notícias da Agência de Notícias Lusa, fonte que foi aconselhada a ser usada neste tipo de trabalho – que podíamos consultar através do *site* oficial ou também através do programa *ENPS*⁵. O objetivo passava por ler as notícias e construir uma síntese que as incluísse a todas, com cerca de três minutos (3'15, no máximo) para

⁵ O programa *Essential News Productions System* (ENPS) permite aceder a diversas agências de notícias.

depois ir a estúdio gravar. Todo o processo de gravação, edição e montagem, em rádio, era feito através do programa *Dalet Plus* – que foi dos primeiros ensinamentos que nos foi transmitido. Aliás, quanto aos programas a uso pela empresa – *ENPS e Dalet Plus* -, desde logo nos mostraram os sistemas e explicaram quais as suas utilidades e como funcionam.

A dinâmica ao longo dos dias, em termos de trabalho, foi esta. À exceção do primeiro dia, no decorrer dos seguintes, eu mesma selecionei as notícias para as sínteses – e através desta prática desenvolvi o hábito de ler notícias sempre que chegava à redação. Não tinha tempo estipulado para as fazer, no entanto, era suposto que todos os dias tivesse uma realizada. No processo de seleção das notícias, procurei incluir as mais atualizadas e de alguma relevância – dentro dos vários setores, como: nacional e internacional, economia, política, cultura e desporto -, como se um público eu estivesse a informar.

Pessoalmente, confesso que demorei tempo a mais nas primeiras sínteses, contudo, só saí da redação depois de concluídas. Numa fase inicial, um dos motivos pelo qual demorava na construção da síntese era porque tudo me parecia importante de colocar e, nesse sentido, tive de aprender a selecionar o que realmente era necessário ser dito – através da leitura da notícia mais do que uma vez, dando especial atenção às primeiras e últimas linhas para retirar a informação que respondia diretamente às perguntas: quem?, o quê?, onde?, como?, porquê?, para não cair na redundância de contar pormenores, mas sim informar devidamente com o que é de facto relevante quanto ao sucedido. Outro motivo de demora prendia-se com a gravação porque, inicialmente, os trabalhos eram gravados sempre com um técnico de som presente para qualquer ajuda que fosse preciso e eu ainda que, ao fazer a leitura prévia - aconselhada tanto pelos jornalistas como pelos técnicos, várias vezes e com interpretação para que a mensagem seja mais facilmente passada e cativa o público, que sobretudo apenas ouça as notícias -, estivesse dentro do tempo estipulado e não me enganasse, no momento da gravação, muitas vezes me atrapalhei com as palavras e quando assim era tinha de começar tudo de novo. E mesmo que, conseguisse gravar tudo de uma vez, se os técnicos considerassem ser necessário uma vez mais, voltava a gravar até soar bem ou melhor. Por isso considero a presença deles muito importante nesse sentido porque à medida que me iam

ouvindo, caso considerassem necessário, interrompiam a gravação para sugerirem repetição de determinada palavra ou frase e exemplificavam como pronunciar ou demonstravam, lendo eles próprios a síntese, qual o tom a utilizar para soar melhor (e eu tinha de repetir essas palavras ou frases, sem estar a gravar, até que me dessem um “ok” para continuar a gravação) e chegavam a reparar em pormenores como a respiração de uma notícia para a outra e sugeriam truques como uma pausa estratégica e como a fazer, para recuperar o fôlego, sem ser preciso gravar tudo “a correr” como se de uma notícia apenas se tratasse. Assim como, no fim da gravação, pediam para que ao pé deles a ouvisse para perceber os pontos fortes a manter e os pontos a treinar as vezes que fossem necessárias para um resultado cada vez melhor, servindo de exemplo, para as gravações futuras – e, ainda que, a presença me fizesse sentir constrangida, como ao mesmo tempo me faziam sentir à vontade e estavam ali apenas e só para ajudar, consegui pôr de parte e o constrangimento era apenas inicial -. À medida que o tempo foi passando, com a prática/experiência, fui reduzindo o tempo que levava a fazer as sínteses. No começo, só por volta do final da tarde é que estavam prontas para gravar e, na segunda semana ao início da tarde já estava nesse processo.

Em termos de horário, desde o primeiro dia ficou acordado que eu e a minha colega estagiária estaríamos na redação por turnos que mudariam de duas em duas semanas – eu comecei por entrar às 9 horas e a minha colega depois de almoço. O que com o passar das semanas deixou de acontecer e passamos a entrar as duas da parte da manhã, na redação. No que respeita a horário de sair, dependia do trabalho que houvesse para fazer e do trabalho feito. Como se costumava dizer, existia hora para entrar, não para sair. E ao longo destes primeiros dias, várias vezes entrei às 9 horas e saí para lá das 18 horas. O importante era o trabalho ficar feito e como já referi, nem sempre fui “rápida” na função que estava a desempenhar porque os meus métodos de trabalho levavam também algum tempo, até porque, como a minha formação não diz respeito à área do jornalismo, eu “gastava” algum tempo, sobretudo na primeira semana, a ler e pesquisar como fazer o melhor trabalho, antes mesmo de o fazer. Apontava inclusive todos os termos que ouvia e me eram desconhecidos e procurava no imediato, se possível o significado. Na segunda semana, o ritmo passou a ser outro em comparação à primeira porque já percebia

melhor o que estava a fazer e porque em alguns dias, ao invés de fazermos novas sínteses, foi pedido para refazermos algumas já feitas, a fim de as melhorar desde a síntese escrita – no meu caso, colocar menos informação e incluir o que responde diretamente às perguntas: quem? o quê? onde? quando? porquê? -, à gravação – manter o tom, mas treinar mais a pronúncia de algumas palavras e a respiração. E para ajudar numa melhor gravação, Pedro Ribeiro entregou-nos algumas folhas com trava-línguas, para que fossemos treinando a dicção com um lápis entre os dentes ou até mesmo sem.

No final de cada uma das semanas, Pedro Ribeiro pediu para lhe mostrarmos as nossas sínteses, para que pudesse ouvir o nosso trabalho, perceber a nossa evolução e dar algum *feedback*.

3.3. Saídas em reportagem

As saídas com as equipas de reportagem começaram ao fim de duas semanas de estágio. Inicialmente, através de Pedro Ribeiro sabia quais as saídas e perguntava aos jornalistas se podia ir ou então o próprio Pedro Ribeiro informava com quem poderia ir, mediante o que se tratasse. Com o passar dos dias e para ser mais prático, tanto eu como a minha colega estagiária pedimos para ser incluídas na distribuição da agenda para no dia anterior sabermos que saídas estavam previstas. Claro que é um “mundo imprevisível” e por vezes surgiam notícias de última hora, mas à partida, no dia anterior, à noite, ainda que sem horário certo, tínhamos acesso à agenda do dia seguinte e a partir daí, escolhia com quem gostava de ir e contactava para, em caso de ida, acertar pormenores. As minhas escolhas tinham por base os trabalhos em concreto e os sítios – essencialmente -, e as pessoas que iriam realizar o trabalho. No entanto, nem sempre foi esta a ordem que originou as escolhas.

As saídas ao longo dos três meses foram variando entre televisão e rádio, ainda que tenha saído mais vezes em reportagem para a televisão. Os profissionais que fui acompanhando também nem sempre foram os mesmos, pelo que me deu oportunidade de experienciar como era trabalhar com praticamente todos os que estão na Delegação.

Em televisão, as peças tanto eram para os Telejornais como para o Portugal em Direto - programa da RTP focado na informação local ao nível nacional, “contando

para isso com todo o empenhamento e colaboração dos centros regionais da RTP. Sem menosprezar a atualidade, procura dar mais atenção aos assuntos e às pessoas da nossa terra o que diferencia o seu conteúdo da restante informação funcionando como um complemento informativo do Telejornal (...)"⁶. Já as de rádio correspondiam à Antena 1.

Sair em reportagem era das minhas partes preferidas porque sou da opinião que se aprende muito a observar. E ter a oportunidade de perceber como tudo se processa por trás do trabalho final, foi fantástico e confesso que passei a olhar para o trabalho deles com maior admiração, sobretudo as peças que eu pude ver serem construídas do zero.

Ao longo de todas as saídas estive disponível para ajudar no que quer que fosse necessário mesmo que, por vezes, essa ajuda fosse apenas carregar o material para os locais. Fazia-me sentir de alguma forma "útil" e "dentro da experiência". De modo que, sempre que pude contribuir para algo, sentia-me muito bem.

3.4. Construção das peças

Sempre que se regressava à redação, o passo seguinte correspondia ao visionamento e escolha das imagens captadas em caso de peça de televisão e em ouvir e cortar os sons em caso de peça de rádio. E, a partir daí, procedia-se à escrita das peças com base nas informações recolhidas no terreno – que por norma, escrevia no *ENPS*, para poder ter sempre os trabalhos guardados na minha pasta, para ser mais prático e evitar possíveis esquecimentos. Assim que tivesse os vivos ou os RM's⁷ escolhidos e as peças escritas, dava a mostrar ao jornalista que tinha acompanhado, para que pudesse corrigir. E uma vez que esta correção era feita peça a peça, permitia melhorar as aptidões no processo de escrita jornalística.

No caso das peças de televisão, depois de corrigido o texto e escolhidos os *time codes*⁸ dos vivos⁹, ia para a ilha de edição com o repórter de imagem com quem tinha saído em reportagem porque apenas eles podiam mexer nos programas relacionados

⁶ Dados retirados da grelha de programas, disponível em <https://www.rtp.pt/programa/tv/p19455> Consultado a 04/02/2021.

⁷ Gravações de voz ou outros sons com valor noticioso.

⁸ Código de tempo que indica horas, minutos e segundos das imagens captadas.

⁹ Imagens.

com a edição e montagem. E ao longo do processo de edição, feito junto do repórter, ou gravava os *offs* com ele para introduzir diretamente na peça ou então, antes de ir para a ilha, ia a estúdio gravar, para adiantar trabalho e depois apenas se tratava de juntar tudo.

A edição e montagem das peças de rádio são feitas de forma mais autónoma. Depois do texto corrigido, o processo era realizado por mim, através do *Dalet Plus* - ainda que pudesse em qualquer momento contar com a ajuda dos jornalistas de rádio ou outros profissionais que soubessem trabalhar com o programa utilizado. A partir do momento em que tive acesso às minhas credenciais de acesso, podia editar e montar as minhas peças e, sempre que fui a estúdio gravar, utilizava-as e as gravações ficavam diretamente na minha pasta, dentro do programa.

Para mim, a ajuda dos jornalistas na redação das peças, foi bastante importante e algumas vezes fulcral para conseguir desempenhar um bom trabalho. Por vezes, senti-me bloqueada, sobretudo na escrita de peças de televisão e a ajuda que recebi e a forma como me foi dada, é algo que guardo com bastante apreço. A disponibilidade não tinha tempo contado e assim que possível para eles, era dada. Guardo ensinamentos como: a forma como colocar o texto no papel, para que na leitura prévia e posterior gravação, a entoação do que é dito, seja mais fácil; antes da gravação, fazer aquecimento vocal ou até mesmo simular um bocejo para soltar a articulação vocal e ainda, no ato da locução, sentar de forma confortável, sem comprimir o abdómen, manter o pescoço nem muito alto, nem muito baixo e ajustar o microfone e a cadeira para proporcionar a melhor postura.

Sempre que prontas as peças de rádio – porque as de televisão já eram terminadas com os repórteres -, podíamos sempre recorrer aos profissionais para as verem para uma apreciação final ou até mesmo gravar e editar com eles, dentro da sua disponibilidade.

Tal e qual como as peças dos jornalistas, as minhas eram realizadas de acordo com o conteúdo disponível e o tempo estipulado para cada uma, por isso, pude usufruir de todos os processos de aprendizagem prática e só o trabalho final não era transmitido – à exceção de uma dobragem da qual irei falar mais à frente.

3.5. Calendarização das saídas

Nº	Dia	Peça	
1	24.05.2021	Mural Pediátrico	RTP
2	2021	Escola de Música São Teotónio	RTP
3	2.06.2021	Gestão dos Cuidados Não-Covid	Antena 1
4	2.06.2021	Declarações Vice-Almirante Gouveia e Melo	Antena 1
5	16.06.2021	Ourém	RTP
6	17.06.2021	4 anos dos incêndios de Pedrogão Grande	RTP
7	22.06.2021	Turismo Rural	Antena 1
8	24.06.2021	Turismo Religioso	RTP
9	29.06.2021	Limpeza Praia de Mira	RTP
10	05.07.2021	Francisco Rodrigues dos Santos	RTP
11	08.07.2021	Rainha Santa Isabel	RTP
12	09.07.2021	Rui Rio e Paulo Mota Pinto	RTP
13	12.07.2021	Telmo Pinão	Antena 1
14	13.07.2021	Celebração do 13 de julho	RTP
15	14.07.2021	Nova Linha Férrea em Viseu	Antena 1
16	19.07.2021	Transplante Hepático	RTP
17	19.07.2021	Festival das Artes <i>QuebraJazz</i> 2021	RTP
18	21.07.2021	Alzheimer	RTP
19	26.07.2021	Castelo de Ourém	RTP
20	30.07.2021	Vigor da Mocidade	RTP
21	04.08.2021	Fóssil Figueira da Foz	RTP
22	04.08.2021	Colecionador de Puzzles	RTP

Tabela 1: Saídas em reportagem**3.6. Peças realizadas**

Nº	Dia	Peça	
1	24.05.2021	Mural Pediátrico	Televisão
2	2.06.2021	Gestão dos Cuidados Não-Covid	Rádio
3	2.06.2021	Declarações Vice-Almirante Gouveia e Melo	Rádio
4	22.06.2021	Turismo Rural	Rádio
5	29.06.2021	Limpeza Praia de Mira	Televisão
6	08.07.2021	Rainha Santa Isabel	Rádio
7	14.07.2021	Nova Linha Férrea em Viseu	Rádio
8	19.07.2021	Transplante Hepático	Televisão
9	21.07.2021	Alzheimer	Televisão

Tabela 2: Peças realizadas**3.7. Caracterização das saídas/peças****1. Mural Pediátrico**

A primeira vez de algo na nossa vida nunca se esquece, como se costuma dizer. Neste caso, a primeira saída em reportagem nunca se esquece. Estava entusiasmada para perceber como tudo acontece. A reportagem dizia respeito ao novo Mural do Hospital Pediátrico de Coimbra e nesse mesmo dia, foi-me dado um *press release* impresso, pouco antes de sairmos.

Para além do entusiasmo, relembro que estava bastante nervosa porque momentos antes de nos dirigirmos ao local, a jornalista que iria acompanhar disse para que, tanto eu como a minha colega estagiária, nos preparássemos porque

iriamos fazer as perguntas. Algo que me deixou bastante inquieta porque não me sentia de todo confortável para isso. E na altura, como não percebi até que ponto era brincadeira por estarmos a começar a sair, encarei como sendo a sério e disse que preferia observar não só naquele dia como nos próximos. Ainda que expondo o que preferia, por dentro estava bastante nervosa e durante a viagem fui lendo a folha que tinha com a informação, para formular algum tipo de pergunta na minha cabeça.

Mal chegámos, ajudei a carregar o material e já no hospital foi interessante ver os bastidores e os profissionais em ação. Ao longo do tempo que por lá estivemos, fui estando perto dos jornalistas e dos acontecimentos em si e num caderno fui apontado o que eu achava importante. E claro que, assim que fui percebendo que não iria fazer as faladas perguntas, o nervosismo que sentia passou e foi aí que comecei a ter noção de que os jornalistas por vezes têm de estruturar uma entrevista pouco antes de sair para o terreno. E que a viagem até lá, serve para pesquisas, estruturação da entrevista e “ensaio” do que se vai perguntar. Por isso, aprendi que o “susto” que apanhei de ter de fazer perguntas e saber pouco antes de sair, é algo que faz parte da profissão e que nem sempre se tem muito tempo de preparação.

Esta saída correspondeu à minha primeira peça. Para o local foi a RTP e a Antena 1 e eu fiquei encarregue de fazer peça de televisão sobre o assunto. Já na redação, a jornalista que ficou “responsável” por mim, assim que pôde, veio dar-me indicações do que eu tinha a fazer e como fazer. Inclusive, foi comigo para a ilha de edição por sua iniciativa, mostrar-me e ensinar-me como se cortam os vivos, ainda que eu não pudesse fazer isso depois sozinha.

Quanto à construção da peça, para primeira vez, não senti grande nível de dificuldade. Escrevi, construí a peça na minha cabeça, seleccionei os vivos e depois na ilha de edição com o repórter de imagem gravei os *offs* (o próprio repórter foi ajudando na gravação com *feedbacks*) e assisti à edição e montagem da peça.

2. Escola de Música São Teotónio

A segunda vez que saí em reportagem foi de novo com uma das equipas de televisão e desta vez para um falso direto, na escola São Teotónio em Coimbra, com foco em jovens talentos ao piano.

Pela primeira vez presenciei um falso direto e pude ajudar, uma vez que eles tinham tempo estipulado para a peça e ao mesmo tempo que tinham tudo preparado e foram gravando, eu seguia junto ao repórter de imagem, de forma que a jornalista me pudesse ver e ia cronometrando o tempo e avisando para que ela tivesse noção de quanto tempo tinha disponível para a condução das entrevistas.

Dados os contornos da reportagem, não fiz peça.

3. Gestão de Cuidados Não-Covid

4. Declarações Vice-Almirante Gouveia e Melo

O Congresso Nacional dos Médicos, em Coimbra, marca a minha primeira saída com a Antena 1 e, conseqüentemente, as minhas primeiras peças de rádio.

O Congresso ocorreu de dia 31 de maio a 3 de junho e eu estive presente nos dias 1 e 2 de junho, nas sessões que decorreram na Antiga Igreja do Convento São Francisco. No primeiro dia, existia a dúvida se eu poderia estar presente porque não tinha credencial. No entanto, à chegada, a jornalista que acompanhei conseguiu uma credencial para mim que foi necessário usar sempre que lá estive. Assim me juntei ao espaço direcionado à imprensa junto com a jornalista e, ao longo dos dois longos dias, fui tirando notas sobre as sessões a que estava a assistir e apontando no bloco que recebi de brinde, junto com o programa e a credencial. Para além dessas notas, fui apontando outras tantas que a jornalista me ia dando.

Foram dois dias, de manhã e de tarde, sem de lá sair, com direito a refeições. Dois dias cansativos, mas que valeram totalmente a pena pelo conteúdo a que estava a ter acesso e pela companhia porque foi bastante agradável tantas horas passadas na companhia da jornalista. Por tudo isto, ainda o primeiro dia não estava terminado e eu já pensava em pedir a Pedro Ribeiro para voltar no dia seguinte. Assim fiz e pude ir novamente e nestes dias percebi que esta profissão exige bastante atenção, para que as entrevistas sejam conduzidas com sentido e um propósito, dando lugar apenas a perguntas pertinentes tendo em conta o tema a abordar; aprendi que é de facto importante ter conhecimento do que se vai ver e ouvir - pesquisar sobre o tema e saber falar sobre ele e procurar sobre os intervenientes e saber mais sobre eles -. E, comecei a ter noção de que o jornalista não tem horários definidos para refeições, por exemplo. Dado que, no final das conferências da manhã, a jornalista passou ao

processo de ouvir, cortar e editar os RM's para que a peça ficasse pronta no entretanto para ser lançada antes do começo das conferências da tarde.

Como as aprendizagens se devem muitas vezes às vivências, relembro um momento caricato e um tanto ou quanto constrangedor. À medida que as sessões iam terminado, os presentes batiam palmas e, devido a ter gostado do que estava a ouvir e por respeito, também eu ia batendo. Contudo, fui percebendo que à minha volta, o núcleo da imprensa não o fazia e estranhei. Até que depois, em conversa com a jornalista, percebi que não era suposto e nas seguintes sessões, já não o fiz.

Uma das partes que mais gostei de presenciar foi a homenagem feita ao Vice-Almirante Henrique Gouveia e Melo e ao Bastonário Miguel Guimarães. Foi um momento bastante bonito e até emocionante para mim, pela forma como foi prestada.

Pude desta forma ver pela primeira vez o jornalista Pedro Carvalhas, que esteve presente como moderador de uma das sessões e de quem aprecio o trabalho.

Terminados os dois dias de Congresso em que estive presente, em conversa com a jornalista expus as minhas ideias e ela ajudou-me com as dela; as minhas duas peças dizem respeito à sessão "Gestão dos Cuidados Não Covid" e à conferência de imprensa do Vice-Almirante. Assim fiz dois estilos diferentes de peças: uma com base em declarações de uma das sessões e outra com base nas declarações da conferência de imprensa.

Ouvir de novo as declarações, escolher e cortar os RM's e montar era das minhas partes preferidas de todo o processo de construção da peça. E, assim que as terminei, tendo em conta que é um processo mais autónomo e eram as primeiras peças, senti-me muito satisfeita.

5. Quatro anos dos incêndios de Pedrogão Grande

Este dia foi um dos mais marcantes. Foi um dia com hora de saída da redação, mas sem hora de chegada. Saímos ao início da tarde em direção a Pedrogão Grande, onde eu nunca tinha ido. E regressamos já para lá das 20 horas.

Nesse dia em Coimbra, as temperaturas estavam mais baixas do que costumavam, mas estava longe de imaginar que em Pedrogão estava bastante frio.

Tendo em conta o dia que se tratava, ainda que passados quatro anos de tamanha tragédia, encontrei um Pedrogão bastante triste, sem gente na rua. Em conversa mais tarde com a Psiquiatra Ana Araújo do Centro de Saúde de Figueiró dos Vinhos, soube que era normal porque é uma data inesquecível e ainda bastante presente na vida das pessoas que lá vivem.

Assim que chegamos, fomos gravar um falso direto com o Sammy Van Den Berghe, dono de um negócio de casas portáteis, cuja matéria-prima principal é a madeira, em Figueiró dos Vinhos. Espaço que foi consumido pelos fogos e que se ergueu de novo e está a ter bastante procura. O falso direto consistiu em falar com o dono um pouco sobre como está a correr o negócio depois dos incêndios ao mesmo tempo que se mostravam as instalações de uma das suas casas.

De seguida, dirigimo-nos para o Centro de Saúde de Figueiró dos Vinhos, cujo objetivo era falar com a Psiquiatra Ana Araújo, se possível durante uma consulta a um paciente. O que não pôde acontecer e num momento inicial dificultou a recolha de imagens para pintar¹⁰ a peça. Ainda foi sugerido - pelo repórter de imagem - simular uma consulta em que eu seria a paciente e onde só iria aparecer partes do meu corpo e nunca a minha imagem perceptível, mas a ideia não foi aceite. Assim sendo, foram apenas recolhidas imagens do Centro e da Psiquiatra enquanto era entrevistada.

Após o Centro de Saúde, dirigimo-nos à aldeia de Nodeirinho onde se encontra o Memorial à Fonte da Vida, inaugurado pelo Presidente da República Marcelo Rebelo de Sousa, construído em frente ao tanque que ajudou várias pessoas e que lhes presta homenagem pois durante o incêndio se “abrigaram” dentro dele ou a sua água usaram para combater o fogo. No local falámos com o autor da obra, João Carvalho, artista e habitante da aldeia.

O tempo estava chuvoso pelo que, no decorrer da entrevista, tive a iniciativa de ir buscar um guarda-chuva para os ajudar a continuar o trabalho sem uma possível interrupção ou sem estarem expostos aquele tempo. É nesta situação que reconheço mais ainda o profissionalismo deles porque a chuva embora não fosse muita, estava a cair e eles mantinham-se em trabalho como se nada estivesse a acontecer.

¹⁰ Termo utilizado para designar o ato de preencher a peça, através das imagens, para contar a história.

Para terminar o dia, faltava apenas um direto no Telejornal. No entanto, desde que terminamos de falar com o João Carvalho, ainda faltava bastante tempo. Por isso mesmo, demos uma volta por Pedrogão e estivemos a fazer o caminho por onde passaram os incêndios e onde pessoas perderam a vida. Quem por lá passa nesta altura, não diz que é o mesmo sítio onde tamanha tragédia aconteceu. Encontrar Pedrogão sem gente, ouvir declarações do quão abaladas as pessoas ainda estão - inclusive o artista João Carvalho ficou emocionado ao relembrar o dia -, ver o memorial e em frente o tanque por onde tantos passaram e que é tão pequeno, passar pelos locais, relembrar imagens e ainda ver as coroas de flores a assinalar que ali mesmo se perderam vidas, foi tocante.

Voltando ao local do direto, que ocorreu no sítio em Pedrogão em que futuramente será construído um memorial às vítimas dos incêndios de junho e outubro - que terá um lago artificial, plantação de árvores autóctones e os nomes de todos os que perderam a vida -, falou-se com a Presidente da Associação de Vítimas de Pedrogão Grande, Dina Duarte.

Foi a primeira vez que presenciei um direto e mais uma vez, foi interessante perceber como se prepara e como acontece. No final do mesmo, o sentimento era de dia cumprido e regressámos.

Na televisão temos uma visão e no local, outra e eu felizmente tive oportunidade de presenciar. No dia seguinte, ao visionar o resultado final, concluí que para um trabalho destes acontecer é preciso “estudar” bem o acontecimento (do que se trata para que o direto decorra sem falhas nesse sentido – podendo para esse efeito também acontecer, antes do direto, o jornalista recolher mais informações ou a confirmação das mesmas junto do entrevistado, em caso disso ou o jornalista dar conhecimento geral das perguntas ao entrevistado, assim como o contrário: o entrevistado perguntar quais as perguntas que lhe podem ser feitas e o jornalista dizer ou não) e local (o que é necessário ser filmado à medida que as declarações são recolhidas e as movimentações necessárias para que sejam mostradas as imagens pensadas) para que o telespetador tenha uma visão do acontecimento de acordo com o que está a ver e ouvir, que lhe permita ficar informado e esclarecido.

Quanto à minha peça, não consegui fazer porque uma vez que o dia foi tão preenchido e corrido, a edição não ficou nas mãos da jornalista e do repórter de

imagem e as imagens foram enviadas para Lisboa. Quando perguntei por elas no dia seguinte, o repórter tinha-se esquecido que eu precisaria e sem querer, já não as tinha para eu usar.

6. Turismo Rural

O Turismo Rural na Pampilhosa da Serra correspondeu a uma saída com a Antena 1. Foi um início de tarde e tarde preenchida e com o tempo contado entre os dois locais de turismo rural que visitámos. Fomos por volta do meio-dia, pelo que almoçamos já lá e no carro, entre as visitas às casas.

A primeira visita foi à Casa de Santo Antão, uma casa de família, apresentada por Leonor Coelho, cujo marido não se quis desfazer do espaço quando os pais faleceram, por dizer respeito à casa onde nasceu e que está carregada de memórias. Dentro da casa, remodelada para receber inquilinos, existe um compartimento transformado em museu, onde se encontram objetos, roupas, fotografias, entre outras memórias físicas da família. Inclusive o berço do marido de Leonor Coelho que tem mais de cinquenta anos.

Tivemos oportunidade de visitar a casa e todos os seus espaços antes da entrevista, assim como falar com a proprietária. A entrevista decorreu no exterior da casa, no jardim, sentadas numa mesa, ao som dos passarinhos. Uma conversa tranquila e “cheia de conteúdo”, uma vez que a entrevistada não só respondeu ao que lhe foi perguntado, como forneceu mais informação para lá daquela que intencionalmente se pretendeu recolher. O que permitiu, por exemplo, no momento de construção da peça explorar um pouco mais da história do turismo rural, na Casa de Santo Antão, para além do pensado inicialmente.

A segunda visita ocorreu pouco tempo depois, numa escola primária do tempo do Estado Novo que foi restaurada para turismo rural, uma vez que é um espaço querido por tantos habitantes e assim uma forma de prestigiar o local.

Tal como na casa de Santo Antão, tivemos oportunidade de visitar todos os espaços. E para lá da entrevista que ocorreu no interior do espaço, mas no exterior da casa, estivemos bastante tempo à conversa com o Presidente da Junta de Freguesia da Pampilhosa da Serra, Nuno Almeida, que foi quem guiou a visita – desta

vez, em *off*¹¹ (uma vez que a entrevista já tinha sido feita) porque embora a conversa fosse sobre a Pampilhosa da Serra e o turismo rural, a jornalista perguntou se poderia continuar a gravar, mas o Presidente recusou.

A peça realizada foi a maior que tive de fazer em rádio com a duração de aproximadamente cinco minutos.

7. Ourém

Peça sobre o assunto não realizada, por conselho da jornalista da RTP, uma vez que não existia grande conteúdo por se tratar apenas de recolha de declarações.

8. Turismo Religioso

Depois de uma saída para uma reportagem sobre o turismo rural para rádio, saí também para uma reportagem sobre turismo religioso, em Fátima, mas desta vez com uma equipa de televisão.

Relativamente ao turismo religioso, quando chegámos, falamos com a Presidente da Associação Empresarial de Ourém-Fátima, Purificação Reis e, depois, seguimos até um Hotel no qual se entrevistou o Vice-Presidente da Associação Hotelaria de Portugal, Alexandre Marto, sobre como estava a situação tendo em conta a pandemia. De seguida, procurámos testemunhos de pessoas que estivessem a visitar a cidade e conseguimos falar com duas senhoras, amigas, que estavam de visita à cidade e quase de partida, depois de algum tempo sem por lá passar, tal como precisávamos. E por fim, fomos até ao restaurante *Manhãs* entrevistar o proprietário e gerente.

O intuito de todo o trabalho era mostrar como se encontrava a cidade de Fátima quanto ao turismo religioso, visto que é uma cidade tão procurada ao longo do ano para tal. Concluimos assim que, devido à Covid-19, a procura pela cidade não atinge os números habituais de visitas ao Santuário, de estadias nos Hotéis, nem de comércio, no entanto, em comparação à fase inicial da Pandemia, os visitantes começam a surgir aos poucos.

¹¹ *Off the record.*

Quanto à peça, acabei por não fazer. Inicialmente porque não encontrava o material e como tinha alguns trabalhos ainda em mãos, deixei passar. E já depois de ter acesso, fui deixando para mais tarde, para dar prioridade a outros e acabei por não conseguir tempo para a fazer.

9. Limpeza da Praia de Mira

Na tarde em que nos deslocamos até à Praia de Mira para noticiar a iniciativa de limpeza por parte da *Novo Verde*, ao longo das praias portuguesas, falou-se com: a responsável da Comunicação da empresa *Novo Verde*, Filipa Moita, que explicou em que consistiu o projeto; com Marina Araújo, da Associação *Sailors For The Sea*, que em parceria com a *Novo Verde*, desenvolveram atividades de sensibilização para os mais novos, relacionadas com o oceano e ainda com o Presidente da Junta de Freguesia da Praia de Mira, Francisco Rei Gota, que fez um balanço de como se encontra a Praia de Mira a nível de resíduos.

No decorrer das atividades, a de recolha de lixo ao longo do areal não teve muita adesão. Apesar de estar sol e de estarem pessoas pela praia, as condições meteorológicas não estavam muito favoráveis para que o dia fosse apelativo para estar na praia, devido ao vento que se fazia sentir. Assim sendo, para garantir a realização da atividade, foram convidadas algumas pessoas a participar. No final, recebemos uma garrafa térmica da *Novo Verde*, como agradecimento.

Inicialmente, esta peça parecia-me fácil de fazer, no entanto, quando comecei, senti algumas dificuldades no texto. Estive bastante tempo dedicada a tentativas que nunca me soavam bem, até que decidi pedir ajuda porque me sentia “bloqueada”. E foi o melhor que poderia ter feito porque em conjunto e com a ajuda da jornalista, o texto ficou pronto em pouco tempo. Tudo o resto já tinha pensado e anotado - quanto aos vivos a usar - e seguiu-se a edição com o repórter de imagem que editou a peça consoante as imagens que eu tinha selecionado e as que ele achava que se adequavam para passar a mensagem do que ocorreu naquele dia.

10. Francisco Rodrigues dos Santos

Saída para Pedrogão Grande para a apresentação do candidato do CDS à Câmara de Pedrogão. A apresentação, entre outras pessoas, contou com a presença do Presidente do CDS Francisco Rodrigues dos Santos, que não só dirigiu umas palavras acerca do candidato como de seguida, para o país.

A saída em reportagem foi com uma equipa de televisão, que fez a cobertura do evento, ao vivo. Assim sendo, não fiz peça, por conselho da jornalista.

11. Rainha Santa Isabel

As festas da cidade de Coimbra, devido à pandemia, há dois anos que não se realizam e este ano decidiram celebrar a padroeira de forma diferente e de maneira que os devotos a pudessem contemplar, mesmo não saindo em procissão. Sobre esta iniciativa tivemos oportunidade de falar - no Convento de Santa Clara a Nova -, inicialmente, com o Presidente da Confraria da Rainha Santa Isabel, Joaquim Costa e Nora e de seguida, na Sala do Capítulo, sobre a exposição, falámos com o organizador e responsável, Francisco Relva Pereira.

Terminada a reportagem, Francisco Relva Pereira fez questão de nos fazer uma visita guiada ao Convento, mostrando todos os cantos e contando um pouco da história de cada um, que é no fundo a história da Rainha Santa Isabel.

Apesar de ter saído com a RTP, a minha peça, por sugestão da jornalista, foi feita para rádio. Ela começou por me fornecer as entrevistas já convertidas em áudio e, a partir daí, desenvolvi o meu trabalho como habitualmente.

12. Rui Rio e Paulo Mota Pinto

Foi na Quinta das Lágrimas, em Coimbra, que assisti, em conferência de imprensa, à proposta de revisão constitucional do PSD.

Foi a primeira vez que assisti a uma conferência de imprensa política e esta realizou-se no Hotel Quinta das Lágrimas, com Rui Rio e Paulo Mota Pinto.

Desse dia recordo uma sala muito pequena para tanta gente - o que numa altura de pandemia, deixou muito a desejar, na minha opinião pessoal -, e no final das declarações, a imprensa visivelmente interessada em questionar sobre o assunto, algo que acho sempre bastante interessante de presenciar, do ponto de vista pessoal

e sobretudo profissional, para ver como o questionado responde e como quem está a ouvir compreende e tudo se desenrola a partir dali, de modo a gerar conteúdo informativo mais detalhado, para o público que está a assistir em direto – neste caso -, ou acede mais tarde.

A conferência foi transmitida ao vivo, pelo que, tal como já tinha acontecido com uma saída anterior, não fiz peça.

13. Telmo Pinão

No dia em que sai em direção à Associação para o Desenvolvimento da Aerodinâmica Industrial (ADAI), junto com o jornalista da Antena 1 - para presenciar a entrevista que este fez ao Telmo Pinão, atleta paralímpico -, à partida, era para ter ficado apenas pela redação. Estava com algum trabalho e não tinha em mente sair. No entanto, prestes a sair da redação, o jornalista perguntou-me se eu queria ir e acabei por acompanhar porque nunca tinha saído com ele e era um trabalho que levaria pouco tempo até estar de volta à redação.

Já no ADAI, presenciei a entrevista a Telmo Pinão e dessa forma passei a saber um pouco mais sobre a sua história, o seu percurso como atleta e a ida aos Jogos Paralímpicos, de Tóquio – motivo que levou ao surgimento desta entrevista.

Quanto à peça, a intenção era fazer assim que o meu restante trabalho estivesse orientado, uma vez que não tinha intenção inicialmente de sair. Mas, acabei por colocar de parte e por não fazer, por sobreposição com outros trabalhos.

14. Celebração do 13 de julho

Nas celebrações do 13 de julho, tanto a equipa de televisão da RTP – que acompanhei -, como a Antena 1, esteve presente. Ao longo da manhã, a RTP esteve em direto a dar conta de como se encontrava o Santuário em relação aos peregrinos presentes e às celebrações. Para além disto, foram recolhidos depoimentos dos visitantes em relação à sua devoção e presença no Santuário e ainda captadas as imagens necessárias para pintar a peça.

Recolhido o material necessário, a peça foi editada na sala de imprensa do Santuário, espaço que eu não sabia que existia e que depois me foi mostrado por quem lá trabalha.

Quanto à minha peça – para televisão -, não foi feita. Na altura estava sem ideias de como a fazer e então fui deixando para depois e acabei por não ter tempo até terminar o estágio.

15. Nova Linha Férrea em Viseu

A saída para Viseu, com a Antena 1, foi diferente das anteriores. Até aquele momento estava habituada a chegar aos sítios e a ter as pessoas prontas a falar consoante o tema e neste dia, foi chegar e procurar pessoas para abordar o tema que ali nos levou.

Tendo em conta que a peça era sobre um possível comboio de novo em Viseu, fomos até à estação rodoviária para encontrar pessoas que nos pudessem falar um pouco sobre o que achavam/preferiam quanto ao autocarro e ao comboio e que vantagens esta nova linha férrea acarretava nas suas vidas.

Fomos em direção a pessoas que aguardavam autocarro e outras que estivessem a chegar. De preferência pessoas que fossem da região.

Numa fase inicial em que não estavam muitas pessoas, chegámos a correr para abordar uma senhora acabada de chegar num autocarro um pouco mais distante e que estava prestes a sair da estação rodoviária. Já depois de termos recolhido os testemunhos e estarmos a caminho do carro, cruzámo-nos com taxistas e foram eles os últimos abordados.

Quanto à minha peça, a jornalista forneceu-me os sons e inclusive a entrevista que tinha feito por telefone ao Presidente da Associação Industrial da Região de Viseu, João Cotta, e a partir daí redigi o texto com a informação recolhida, cortei os RM's de acordo a mensagem a passar e montei a peça - contando com a ajuda da jornalista na correção do texto e na revisão dos RM's escolhidos.

16. Transplante Hepático

17. Festival das Artes QuebraJazz 2021

A ida ao Centro Hospitalar e Universitário de Coimbra (CHUC) não correu como eu esperava, mas compreendo o porquê. Em tempo de pandemia, os hospitais não precisam de ter gente “a mais” nos seus espaços. E acabei por ter de ficar na entrada enquanto esperava que os jornalistas e o repórter de imagem fizessem o seu trabalho.

Tratava-se de assinalar os 1500 transplantes hepáticos do hospital e nesse dia estava previsto falar com a Coordenadora da Unidade de Transplantação Hepática, Dulce Diogo, com José Guilherme Tralhão e com um utente transplantado. Entrevistas que aconteceram e que vi apenas quando tive acesso ao material.

No mesmo dia, saí em reportagem de novo com a RTP, para assistir ao ensaio de Kurt Rosenwinkel com a Orquestra Jazz de Matosinhos considerada uma das melhores Orquestras da Europa, que iria inaugurar os concertos no Festival das Artes *QuebraJazz 2021*, a realizar-se na Quinta das Lágrimas. O ensaio deu-se no anfiteatro ao ar livre *Colina de Camões* que funcionou maioritariamente como palco principal durante o festival. Durante o ensaio falou-se com Kurt Rosenwinkel, um dos melhores guitarristas de Jazz do mundo e com o Maestro da Orquestra Jazz de Matosinhos, Pedro Guedes. Neste dia, fiz apenas peça sobre os transplantes hepáticos. A única diferença para as outras peças de televisão, foi o facto de que, quando fui para a ilha de edição, não fui com o repórter do dia da reportagem porque este não se encontrava pela RTP naqueles dias e precisei assim que outro repórter fosse comigo.

18. Alzheimer

Esta reportagem foi de todas, talvez a mais impactante, para mim. É um tema que me é muito sensível pelos seus contornos.

O dia começou cedo, em direção a Pombal à Delegação Centro da Alzheimer Portugal. Da Delegação, seguimos atrás da Assistente Social e também Responsável Técnica da Alzheimer Portugal Delegação Centro, Carla Pereira, em direção aos dois serviços ao domicílio que iríamos presenciar.

Na primeira casa por onde passámos, a Senhora que iria ter a sessão de fisioterapia, sofre de Alzheimer e encontra-se numa cadeira de rodas. E, conforme fui presenciando a sessão e a forma como a iam tratando e como ela respondia, a dada altura precisei de sair porque me emocionei - como o espaço era reduzido e eu estava perto da porta da rua, ausentei-me por breves instantes para não perturbar o trabalho e não ser perceptível que me tinha emocionado -, mas, depressa me recompus porque tinha noção que estava em trabalho e tinha de estar com uma postura diferente.

Depois de captadas as imagens da sessão que decorreu dentro de casa, realizaram-se as entrevistas no exterior com a Fisioterapeuta e com a mãe da Senhora.

Enquanto decorriam, a Senhora estava à janela a ver o que se passava e o meu olhar, nesse momento, estava dividido entre ela e as entrevistas e à medida que prestava atenção no que ela estava a dizer, ainda tive de conter a emoção. Recordo como última imagem o adeus entusiasmado que nos dirigia.

De novo voltamos a seguir Carla Pereira até à segunda casa. Aí, presenciámos uma sessão de terapia ocupacional com um Senhor. Tal como na casa anterior, foram gravadas imagens da sessão e no fim, entrevistado o Terapeuta e o próprio Senhor. Para finalizar o trabalho, entrevistou-se ainda Carla Pereira.

Relativamente à minha peça, a jornalista propôs-me um resultado final desafiante – contar uma história, maioritariamente, através das imagens recolhidas -. Tão desafiante que tive bastantes dificuldades. No entanto, contei sempre com a ajuda dela e, se a peça é a que considero mais bonita e é diferente de todas as outras, é graças a ela que estive ao meu lado de forma intensiva para me ajudar na seleção dos vivos que melhor se adequariam à peça, na construção do texto que ajudaria a contar a história, e inclusive, na gravação dos *offs*. Sem ela, não seria possível e estou mesmo muito grata.

19. Castelo de Ourém

A visita ao Castelo de Ourém fica marcada por um contratempo. Quando chegámos ao local, já depois de algum tempo de espera, percebemos que não estava ninguém disponível para falar, quando se esperava entrevistar elementos ligados ao processo de requalificação do Castelo.

O Castelo passou por obras de requalificação que representaram um investimento de mais de dois milhões de euros - cerca de 1,7 milhões dos quais financiados por fundos comunitários. No dia da reportagem, estavam a ultimar-se preparativos da inauguração, que seria realizada no dia seguinte e na qual também estaríamos presentes, mas que foi adiada devido ao Presidente da República, Marcelo Rebelo de Sousa, não poder comparecer devido ao falecimento do Coronel Otelo Saraiva de Carvalho.

Através de chamadas, a jornalista da RTP conseguiu a presença, dentro de pouco tempo, do assessor do Presidente da Autarquia e foi através dele (assessor) que então se ficou a saber que não estava mais ninguém para entrevistar, pelo que se

tentou que alguém pudesse aparecer para que a reportagem acontecesse nos moldes em que foi pensada ou de alguma forma.

Enquanto se aguardou pela chegada do Presidente da Câmara Municipal de Ourém, Luís Albuquerque, única pessoa disponível e que ainda demorou a aparecer, o assessor fez-nos uma visita guiada ao Castelo, que serviu ao mesmo tempo para o repórter captar imagens dos espaços.

Com a chegada do Presidente, deu-se início à entrevista tanto por parte da equipa de televisão da RTP como da jornalista da Antena 1 e, assim que terminou, regressamos à redação.

Quanto à minha peça – para televisão -, iniciei o processo, mas não consegui terminar até ao término do estágio.

20. Vigor da Mocidade

Visitar o clube *Vigor da Mocidade* teve um gosto particular. Gosto bastante de assistir a ginástica acrobática e poder ver um ensaio em frente a mim e em trabalho, deixou-me bastante empolgada para sair com a equipa de reportagem.

A reportagem recaiu essencialmente sobre o par misto juvenil que iria participar no Campeonato da Europa a realizar-se de 23 a 26 de setembro do presente ano, em Itália. E para além destes dois entrevistados, falámos também com uma outra campeã nacional e a treinadora.

Foi mais um falso direto em que pude “participar”, ajudando na contagem do tempo para manter a jornalista dentro do planeado.

Esta peça, por mim não chegou a ser realizada, ainda que começada. No entanto, existiram alguns “contratempos” com outras peças que, sendo a última semana de estágio, me retiraram tempo para conseguir terminar esta, que apesar de ter sido feita para o Portugal em Direto, eu iria fazer para rádio.

21. Fóssil Figueira da Foz

22. Colecionador de Puzzles

A ida à Figueira da Foz foi a minha última saída em reportagem com a RTP. Apesar de estar a dois dias de terminar o estágio e com algumas peças em mãos, fiz

questão de ir até porque era um tema que tinha curiosidade de acompanhar “de perto”, já que tinha essa possibilidade.

A primeira paragem foi no Cabo Mondego, onde se realizaram as primeiras entrevistas com o Geólogo da Universidade de Coimbra, Pedro Callapez, e o Presidente do Município da Figueira da Foz, Carlos Monteiro, acerca de um fóssil encontrado. De seguida, estivemos no Museu Municipal da Figueira da Foz, de novo com Pedro Callapez, para poder ver e registar o fóssil.

Ainda na Figueira da Foz, visitámos um alojamento local de Pedro Conde, decorado com milhares de peças de puzzle, que vão desde painéis a 3D, o que dá uma imagem muito bonita e única ao espaço. Os puzzles foram construídos por ele, que começou aos 12 anos e hoje é um dos maiores colecionadores do Mundo. No futuro pretende ter um museu com a sua coleção, uma vez que na sua unidade hoteleira não consegue ter tudo exposto. Com o passar dos anos foi até confiando aos seus inquilinos os seus puzzles, que os levam para montar com a promessa de voltar para os devolver ao mesmo tempo que voltam a ficar lá alojados.

Numa visita ao alojamento, pude ver os mais variados quadros de puzzles com milhares e milhares de peças, com os mais diversos temas, espalhados por todas as paredes e em todos os compartimentos. Pudemos também conhecer um pouco da sua coleção que não estava exposta e curiosidades a respeito.

A nível de peças sobre este dia, tendo em conta que ainda tinha algumas a terminar, acabei por não fazer. O meu intuito era apenas sair em reportagem e poder aprender através da observação e não perder as últimas oportunidades de isto acontecer, a poucos dias de terminar a minha passagem pela RTP.

3.8. Outros trabalhos

Para além das peças de televisão e de rádio, tive a oportunidade de realizar uma dobragem¹².

Nesse dia, no momento em que era necessária uma voz feminina, eu era a única pessoa que o poderia fazer que estava na redação. Pensei sempre que não fosse

¹² Gravação das falas traduzidas sobre as de outra língua em que foram originalmente gravadas.

opção para trabalhos transmitidos, no entanto, a dobragem tinha de estar pronta em poucas horas e, ainda que nervosa, aceitei ajudar.

É uma experiência que, no meu entender, aparentava ser mais fácil do que realmente o foi. É necessária uma voz bem colocada e com entoação, como se realmente se tratasse da pessoa em questão, a falar. A emoção do que está a ser dito tem de ser passada e senti as dificuldades ao colocar em prática. Mais uma vez, a ajuda do técnico de som foi muito importante para sair o melhor resultado tendo em conta que não tinha experiência e a dobragem tinha de estar pronta em contagem decrescente.

O meu nervosismo e insegurança pretendia-se com o facto de não estar habituada a este tipo de trabalho e achar que não teria tempo para treinar, antes de gravar. Tendo em conta que seria um trabalho transmitido não queria de todo fazer má figura. No entanto, durante mais ou menos vinte a trinta minutos, tive oportunidade de treinar, tanto sozinha como com a ajuda do técnico. Até gravar o resultado final possível.

O trabalho correspondeu a uma dobragem de três falas de uma entrevista, de uma das atrizes de um filme francês, intitulado “uma família de doidos”.

4. Reflexões sobre as rotinas produtivas do jornalismo

4.1. A agenda

Os dias na redação, a partir da terceira semana de estágio foram preenchidos, na sua grande maioria, pelas deslocações a acontecimentos (já mencionadas anteriormente). A agenda era distribuída no dia anterior através do e-mail - ainda que sem horário certo para a distribuição do serviço -, pelo que, os eventos foram em grande parte programados.

“A agenda de serviço, nas suas diferentes formas e características organizativas, é constituída essencialmente pela lista diária dos acontecimentos que sobrevirão e cuja noticiabilidade é, em grande parte, dada como certa [...]. É aí que se registam os acontecimentos programados que, automaticamente, merecem ser cobertos devido à sua indubitável relevância pública [...]. O conteúdo varia, indo dos acontecimentos formais da política (visitas oficiais, coroações, eleições, períodos legislativos, etc.) aos acontecimentos culturais, religiosos, sociais ou desportivos (a atribuição dos prémios

Nobel, o fim do Ramadão, etc.)” (Sousa, 2001). Ou seja, a agenda permite uma organização do trabalho do jornalista – por vezes até com tempo de antecedência -, no que respeita a acontecimentos previstos no tempo.

Um dia na redação passa por: em caso de deslocação ao acontecimento, chegar com algum tempo de antecedência para procurar e preparar informação, contactar fontes – se necessário -, eventualmente combinar a abordagem ao acontecimento com o repórter de imagem, reunir o material e, por fim, sair em reportagem. Já no local, o(s) jornalista(s) – porque aconteceu em datas e/ou eventos importantes saírem equipa de rádio e televisão juntas -, procura(m) ouvir a(s) pessoa(s) envolvida(s), possíveis testemunhos e presenciar o acontecimento – se possível – para que, com base na observação direta consiga(m) descrever o que se sucedeu. É com base no que se presencia e nas informações que se recolhem que se constrói de seguida a peça, que mediante o tempo disponível que tenham para a fazer, tanto pode acontecer ser feita no próprio local do acontecimento como na redação. Após o envio da peça para a sede, no caso da televisão, esta pode passar no Telejornal tal e qual como foi feita pelo jornalista e repórter de imagem ou sofrer alterações e ainda, apesar de pronta e enviada, não entrar no alinhamento. Se acontecer não estar programada qualquer saída, o dia na redação passa por edição de conteúdos e/ou trabalho de pesquisa para saídas futuras já de conhecimento, contactos de fontes - por telefone, e-mail ou até mesmo fora da redação - ou até mesmo entrevistas a partir da redação.

Contudo, como o mundo do jornalismo é imprevisível e está constantemente em atualização, pode acontecer – e aconteceu, ainda que em menor escala, durante os três meses de estágio -, surgir uma deslocação a um local para cobertura de um acontecimento que não está em agenda e que a redação tenha conhecimento, o que implica pesquisar informação e inteirar sobre o assunto durante a viagem até ao local.

4.2. As fontes de informação, o comportamento do jornalista e os géneros jornalísticos

O jornalismo está inteiramente ligado às fontes de informação. Para a produção de notícias recorre-se as informações presentes nos órgãos de comunicação social, conferências de imprensa, contactos com as fontes de informação, comunicados à imprensa enviados por entidades, pesquisas dos jornalistas na Internet, entre outras. Todas as entidades que possuam dados possíveis de serem usados pelo jornalista no

exercício da sua profissão podem ser consideradas fontes de informação e não seria possível uma investigação jornalística sem que estas existissem ou grande parte da informação jornalística não existiria sem elas. O jornalista tem o direito de ter acesso às fontes de informação e dentro da variedade de opções, o dever de selecionar as melhores para o seu trabalho. “A capacidade de recolha e seleção de informação e de cultivo de fontes é um dos indicadores da competência jornalística” (Sousa, 2001).

Ao longo dos três meses de estágio presenciei este trabalho por parte dos jornalistas de televisão e de rádio, tanto na redação como fora dela. Na redação presenciei a recolha de informação através de um pouco de todas as formas referidas no parágrafo anterior – inclusive, os contactos com as fontes muitas vezes correspondiam a chamadas de voz por telefone para confirmar informação e/ou deslocação ou por computador de forma a ser possível gravar uma entrevista, caso já se tratasse de fonte confirmada, mas não existisse disponibilidade de agenda para um encontro presencial, por exemplo. Fora da redação, o contacto com as fontes – humanas, maioritariamente -, correspondiam a escolhas por parte dos jornalistas tendo em conta a oportunidade, disponibilidade e pertinência da pessoa e a qualificação, competência e credibilidade para falar sobre o assunto em questão. Por vezes aconteceu não existir contacto com uma das fontes pensadas e, ao invés, contactar-se o seu assessor – o que nem sempre significa “tarefa facilitada” porque os assessores dão a informação que tiverem a dar e nem sempre existe espaço para o que o jornalista insista e tenha a informação que pretende obter.

“A relação entre as fontes humanas de informação e os jornalistas é, muitas vezes, uma relação de luta ou de negociação. As fontes tentam sempre divulgar o que lhes interessa e omitir o que não lhes interessa. Tentam também dar aos acontecimentos um determinado significado” (Sousa, 2001). Tendo presenciado várias vezes a relação fonte de informação-jornalista, aprendi, sobretudo através da observação, que ao jornalista interessa o que a fonte diz, mas por vezes interessa mais o que não diz e por isso aproveita toda a informação que obtém para encontrar novas informações, indo por vezes por caminhos que provavelmente à fonte não interessava explorar, conseguindo desta forma - o jornalista -, por vezes, novos significados em relação ao acontecimento.

É no contacto com as fontes de informação que o jornalista deve ter cuidado para não se envolver demasiado de forma a não comprometer o trabalho jornalístico tanto por parte do jornalista como da fonte. É necessário manter o distanciamento e deixar claro

que, em caso de proximidade com a fonte, naquele momento de contacto a relação é apenas profissional. Outro aspeto que pode comprometer a postura profissional e não deve acontecer, pelo motivo já atrás referido, é o envolvimento emocional com o acontecimento ou com as fontes de informação. Para que esse envolvimento não se sobreponha à atividade profissional é preciso manter o sentido de realidade e um afastamento emotivo (Sousa, 2001) - e neste aspeto, por algumas vezes tive dificuldade, dependendo do contacto que estava a ter e do sítio em que estava. Aspeto que tentei melhorar com o passar dos meses.

“A fonte tem direito a ser corretamente referenciada” (Sousa, 2001). Desde a primeira saída que aprendi isto mesmo, através da jornalista que logo avisou sobre este aspeto e também através da observação porque em todas as saídas, a primeira pergunta aos entrevistados era o primeiro e último nome - porque as informações que a fonte fornece têm de ser atribuídas à fonte corretamente identificada -, uma vez que, os consumidores do conteúdo tanto de televisão ou de rádio não podem ficar com dúvidas sobre o que estão a ver e/ou a ouvir, vindo das fontes de informação. Assim como quando a fonte de informação revela informações já sem estar o jornalista a gravar, este não as pode divulgar - como aconteceu numa das saídas em que estive presente -, tal como, as informações que são disponibilizadas pelas fontes devem ser contextualizadas e não podem sofrer qualquer tipo de alteração – e sempre que seja necessário, por suscitar alguma dúvida, devem ser verificadas antes de transmitidas. A fim de um trabalho jornalístico mais fidedigno, o jornalista deve sempre que possível, privilegiar as fontes primárias (Sousa, 2001) –, o que aconteceu na maioria das deslocações agendadas, durante o estágio, que permitiu um contacto direto com os intervenientes do acontecimento.

“Onde recolher a informação e como abordar os temas que deve cobrir são questões com que todo o jornalista se confronta” (Sousa, 2001). Sobretudo quando os acontecimentos são de cobertura comum – como exemplo, saídas em que estive presente: o Congresso Nacional dos Médicos, as celebrações do 13 de julho, em Fátima ou o assinalar dos quatros anos dos incêndios de Pedrogão Grande – e várias estações de televisão ou rádio, estão presentes ou trabalham sobre o assunto, é importante encontrar uma forma diferente de contar a história/passar a informação para fugir um pouco ao que habitualmente se vê ou ouve – ensinamento que me foi passado por uma jornalista e que

resultou na peça de televisão que fiz sobre a doença de Alzheimer, por sugestão e ajuda da mesma – contar a história maioritariamente através de imagens.

Ao longo do período de estágio, o relato dos acontecimentos das deslocações – realizado pelos jornalistas no exercer do seu trabalho e por mim no que diz respeito às deslocações que estive presente -, foi feito através de géneros jornalísticos como a notícia ou a reportagem. A notícia é o género jornalístico mais utilizado do jornalismo, uma vez que, é “um discurso sobre um acontecimento recente (ou, pelo menos, de que só no presente se tenha conhecimento), vários acontecimentos ou desenvolvimentos de acontecimentos” (...) e representa também informação nova, atual e de interesse geral” (Sousa, 2001). Ao longo dos três meses, foi de facto o género mais utilizado – do que pude observar e também colocar em prática. Este género por norma tem a duração de um minuto e meio (dois, máximo) para o telejornal e rádio – ao longo do estágio tanto fiz peças radiofónicas como televisivas (sem esquecer que não eram transmitidas) e, neste último formato, estavam incluídas peças para o programa *Portugal em Direto* no qual me disseram que poderia alargar-me no tempo em comparação ao telejornal – e pode conter, entre outros elementos informativos, partes de uma entrevista ou várias – algo que frequentemente presenciei e que no resultado final apenas entravam partes necessárias dependendo da informação que pretendiam passar. Assim como eu fiz também, por exemplo, na peça televisiva, sobre o Mural do Pediátrico. Quanto à reportagem, “se a notícia é o género básico do jornalismo, a reportagem é o seu género nobre, o género jornalístico por excelência. O principal objectivo de uma reportagem é informar com profundidade e exaustividade, contando uma história” (Sousa, 2001). Para o efeito, esta pode basear-se na observação direta, no contacto com as fontes, entre outros elementos que, em conjunto, contribuam para elucidar quem está a ver e/ou ouvir. Este género jornalístico, tanto para televisão como para rádio, tem maior duração - em comparação à notícia -, o que permite “expor causas e consequências de um acontecimento, para o contextualizar, interpretar e aprofundar, mas sempre num estilo vivo, que aproxime o leitor do acontecimento” (Sousa, 2001).

“A palavra reportagem, para além de denominar um género jornalístico, tem ainda o sentido de acção. Diz-se que um jornalista está “em serviço de reportagem” quando ele se encontra no exterior do jornal a cobrir determinados acontecimentos.” (Sousa, 2001). Na redação era comum ouvir ou utilizar esse termo ou por vezes o termo

mais simplificado “saiu em reportagem”, no entanto, o facto dos jornalistas se encontrarem em serviço de reportagem não significa que o trabalho final seja uma reportagem, uma vez que pode acabar por ser uma notícia. Em comum, estes dois géneros jornalísticos têm o facto de passarem pela elaboração prévia de um roteiro – caso haja tempo para isso porque em comparação, a reportagem não sofre tanta pressão de tempo, como a notícia -, de modo a ajudar o trabalho de campo (Sousa, 2001) – e por diversas vezes observei que era prática que acontecia por alguns jornalistas que acompanhei mais de perto. Não só percebia através das “cábulas” que iam revendo - que incluía informações sobre o acontecimento e nomes de fontes de informação - como de conversas com o repórter de imagem, no caso de peças televisivas.

No entanto, também aprendi que um jornalista não se pode apenas limitar ao que está previamente pensado porque as circunstâncias podem alterar-se e, já no local, o acontecimento pode suscitar novos caminhos para serem explorados no trabalho final. “O jornalista também não pode perder de vista o foco da reportagem” (Sousa, 2001). Com a possibilidade de obter tantos dados possíveis de usar na reportagem é de evitar que o excesso de informação “atrapalhe” a história que é realmente importante contar e os dados que há para revelar. Para o efeito “o jornalista tem de estabelecer limites para a reportagem: temporais, espaciais, documentais. O que o jornalista não pode é perder de vista o objecto da reportagem e a linha condutora para o desenvolvimento do tema” (Sousa, 2001). Algo que, quanto a mim – já na redação - por vezes sentia dificuldade na construção de algumas peças - de televisão e de rádio - pela abundância de conteúdo que fazia com que, numa fase inicial, tudo parecesse sempre importante. Contudo, com a ajuda dos jornalistas na orientação para o foco da reportagem, o processo de seleção da imagens e/ou dos sons disponíveis, tornava-se mais fácil por se ter tornado mais claro para mim, qual a mensagem pretendida a transmitir na peça final – a peça sobre o Alzheimer é um exemplo disso. Foram recolhidas bastantes imagens, feitas várias entrevistas e o resultado final tinha em vista um tempo maior de duração (a rondar os seis minutos) e era importante ter em atenção o que nas linhas anteriores mencionei para um melhor trabalho, como aprendi com o estágio. Para finalizar, estes dois géneros jornalísticos têm em comum a narração dos factos como se estivessem a ocorrer, de modo a permitir um envolvimento maior por parte do telespetador e/ou ouvinte, no

acontecimento (Sousa, 2001). Esse foi mais um ensinamento que os jornalistas com quem mantive mais contacto insistiram em transmitir para um melhor trabalho final.

4.3. Os critérios de noticiabilidade ou valores-notícia

O processo de construção das sínteses – nas primeiras duas semanas, para rádio -, foi o começo da percepção de que as notícias não precisam de conter toda a informação sobre o acontecimento para dessa forma manter as pessoas informadas. De modo que, após as indicações recebidas quanto a este aspeto - a notícia precisa sim de incluir as respostas às questões que realmente oferecem informação relevante ao ouvinte -, por parte do Pedro Ribeiro, na avaliação dos primeiros trabalhos, pratiquei o exercício de ler várias vezes as notícias que tinha em mãos – no caso, as notícias das primeiras sínteses que foi pedido que melhorasse -, e selecionar a informação que respondia às perguntas-chave: o quê, quem, onde, quando, como e porquê e, depois escrever, por vezes mais do que uma vez, até soar sucinto, mas informativo.

À exceção do primeiro dia em que as notícias para as sínteses me foram facultadas, o facto de ter de selecionar eu mesma as notícias fez com que começasse a perceber que as principais tarefas do jornalista passam por selecionar e hierarquizar os acontecimentos possíveis de ser noticiados – porque ao ter de selecionar dez, no meio de tantas disponíveis, fez-me avaliar os demais assuntos para que as sínteses não fossem um amontoado de notícias e pelo contrário tivessem um pouco de todo o tipo de acontecimentos, a meu ver, com relevância dentro das categorias de notícias que tinha à escolha. Depois desse processo, segue-se a tarefa de transformar os acontecimentos selecionados, em notícias para síntese e no fim destas etapas, a sua difusão.

Uma vez que experienciei rádio e televisão, estas tarefas mencionadas não só se aplicam aos trabalhos para rádio, mas também para os trabalhos de televisão porque “valorizar, hierarquizar e selecionar são atividades inerentes ao jornalismo” (Sousa, 2001). A escolha dos temas a abordar está dependente dos critérios de noticiabilidade ou valores-notícia aplicados. Estes “não são rígidos nem universais. Por outro lado, são, frequentemente, de natureza esquiva, opaca e, por vezes, contraditória. Eles funcionam conjuntamente em todo o processo de fabrico e difusão das notícias e dependem da forma de operar da organização noticiosa, da sua hierarquia interna e da maneira como ela confere ordem ao aparente caos da realidade. Além disso, os critérios de valor-notícia

mudam ao longo do tempo (assuntos que há algum tempo não seriam notícia são-no hoje)” (Sousa, 2001). O primeiro estudo sistemático sobre critérios de noticiabilidade é da autoria de Johan Galtung e Mari Holmboe Ruge (1965). São exemplo desses critérios, os seguintes: proximidade do acontecimento – geográfica, afetiva, cultural etc.; momento do acontecimento: quanto mais recente maior possibilidade de ser noticiado; significância: quanto maior a relevância do acontecimento, pessoas envolvidas, possíveis consequências para os envolvidos e dimensão do sucedido, maior possibilidade de se tornar notícia; proeminência social dos sujeitos envolvidos; consonância: quanto mais agradável for o acontecimento e conseqüentemente corresponder às expectativas, maior probabilidade de se tornar notícia; imprevisibilidade: quanto mais surpreendente o acontecimento, maior possibilidade de ser noticiado; continuidade: os desenvolvimentos de acontecimentos já transformados em notícia, têm grande probabilidade de continuar a ser notícia; composição: quanto mais o acontecimento se enquadrar num noticiário com espaço para diversos temas, maior probabilidade de se tornar notícia e, a negatividade: quanto maior for o desvio para a negatividade por parte do acontecimento, maior probabilidade de ser noticiado.

4.4. A redação, sonorização e locução das peças televisivas e radiofônicas

“As notícias necessitam de seduzir para, num ambiente concorrencial, funcionarem como uma mais-valia para um determinado órgão de comunicação social” (Sousa, 2001).

No processo de construção das peças, na redação do texto, o modelo base mais utilizado e, conseqüentemente, o mais conhecido, é o da pirâmide invertida - sobretudo nas notícias mais breves e reportagens pequenas. No processo de escrita, a informação mais importante encontra-se no *lead*¹³. A restante informação está presente nos parágrafos seguintes – denominado corpo da notícia -, por ordem decrescente de importância e interesse (Sousa, 2001). Ao longo dos três meses de estágio, sempre que solicitei ajuda a um jornalista para a redação das peças, este era o modelo utilizado, junto com a técnica de construção por blocos, para que, o primeiro bloco contenha o essencial da informação, presente - de forma que, aquando do resultado final, quem está a ver e/ou

¹³ Parágrafo-guia inicial que contém a informação mais importante e atual.

ouvir apreenda de imediato o mais importante da peça -, e caso a notícia não seja vista ou ouvida até ao fim, a informação relevante à partida já foi retirada e por fim, caso fosse necessário o corte de alguma informação por à partida ser demasiado texto para o tempo estipulado da peça, desta forma facilmente se pode retirar, porque o crucial de se ficar a saber está nas primeiras linhas escritas e serão as primeiras informações a que o telespetador e/ou ouvinte, terá acesso (Sousa, 2001) – exemplo disso mesmo foi a minha peça para televisão sobre a limpeza da Praia de Mira, em que no processo de redação do texto, cheguei a fazer várias versões e, só depois de pedir ajuda e me terem sido dadas estas dicas, ao mesmo tempo que parte do texto era redigido em conjunto comigo, comecei a perceber e a ver o sentido e depois disso consegui terminar, sem “bloquear” novamente.

No processo de articulação das imagens com o texto – no caso das peças televisivas -, as imagens têm particular destaque na construção das peças porque são o elemento fundamental para passar a mensagem e o texto tem a função de complementaridade. “Respeitar as imagens é a principal regra da escrita do texto-off. Isto significa que, tanto quanto possível, o telejornalista deve procura contar a história com imagens antes mesmo de estruturar o comentário que lhes colocará” (Sousa & Aroso, 2003, p. 116). Conhecimento que me foi desde logo passado pelos jornalistas, a partir da primeira peça televisiva: primeiro ver todo o material disponível e só depois de selecionar, escrever consoante as seleções feitas – processo que procurei colocar em prática em todas as peças.

Em rádio, “a linguagem radiofónica baseia-se no som e no silêncio. O silêncio pode ser usado expressivamente em rádio, nomeadamente para promover a reflexão ou a ordenação de ideias. No entanto, o som é a matéria-prima por excelência da rádio. É com base no som que se constroem as mensagens radiofónicas. É através do som que a rádio transmite imagens da realidade, cria cenários sonoros. Com a rádio, «ouve-se o que se passa», sente-se, imagina-se. O ouvinte reconstrói subjetiva e mentalmente a realidade com base nos estímulos auditivos” (Sousa & Aroso, 2003, p. 13). Para o efeito, há várias formas sonoras que se podem incluir nas peças, de forma a produzir sentido e passar a mensagem, como: a voz, música, sons-ambiente e efeitos sonoros – sendo a voz, o instrumento que mais se usa para passar informação e provocar reações nos ouvintes. (Sousa & Aroso, 2003, p. 14). “A música pode usar-se isoladamente ou combinada com a

voz, os sons-ambiente e os efeitos sonoros. Em radiojornalismo, pode ser usada como indicativo de programas e como separador de programas ou de partes de um mesmo programa. Pode ainda ser usada como fundo musical, para criar ambientes ou propiciar a reflexão” (Sousa & Aroso, 2003, p. 15). Os sons-ambiente e os efeitos sonoros têm também a sua importância, para além da voz, na ajuda da construção mental do que se está a ouvir. Os sons-ambiente passam a mensagem da realidade envolvente o que permite ao ouvinte a criação da imagem do que sucedeu ou está a suceder. Os efeitos sonoros, tal como a música, servem de indicadores ou separadores de programas, alertando para algo que aconteceu ou estará para acontecer (Sousa & Aroso, 2003, p. 16). Ter bons sons para sonorizar as peças de rádio contribui para um resultado final aliciante para quem ouve e permite estimular a imaginação, sem que precise de ter acesso a imagens. É um meio de comunicação útil no que diz respeito a ter conhecimento das notícias de última hora e que em qualquer lugar se pode aceder ao mesmo tempo que se pode conciliar com outras práticas do dia-a-dia. Ao longo do estágio, nas saídas com a jornalista da Antena 1, em todas elas, a jornalista recolhia os sons-ambiente para usar na peça em questão e também para mais tarde usar em outras peças que fosse necessário e não tivesse oportunidade de os recolher – mesmo que eu não tivesse reparado, o que seria difícil, ela fez sempre questão de me passar a importância deste ato -. Realmente a presença da sonoridade, para além da voz, dá outra vida à peça – e digo isto porque apesar de não ter, para além da voz, outros sons incluídos nas minhas peças radiofónicas, experimentei uma vez colocar sons-ambiente na peça do turismo rural. Não era algo que me recordava de fazer, honestamente, mas assim que pensei em fazê-lo, fez toda a diferença. Até a mim me fez viajar pela imaginação quanto ao que estava a ouvir. No entanto, considero que a edição não está a melhor e dei prioridade à peça feita em primeiro, sem os sons-ambiente.

Por fim, a locução dos acontecimentos tanto em televisão como em rádio tem semelhanças, neste campo. Tendo em conta que ambos comunicam através da oralidade, os jornalistas devem ter especial cuidado para que a mensagem a transmitir ao público seja feita de forma que quem os ouve, independentemente do grau de escolaridade que possua, consiga descodificar a informação transmitida. Ou seja, no telejornalismo “a mensagem tem de ser inteligível, clara, simples, facilmente perceptível, coloquial, directa e informativa” (Sousa & Aroso, 2003, p. 119). Assim como, no jornalismo radiofónico

“mais do que qualquer outro tipo de texto jornalístico, o texto radiojornalístico tem de ser claro, conciso e concreto” (Sousa & Aroso, 2003, p. 21). Em suma, em ambos, o texto que dá origem à locução tem de ser escrito para ser falado e não para ser lido, de maneira que os jornalistas transmitam a história da melhor forma, utilizando um tom coloquial e natural – especialmente no radiojornalismo, uma vez que no telejornalismo destaca-se o primado das imagens (Sousa & Aroso, 2003, p. 21). Este último aspeto talvez tenha sido onde tive, durante o período de estágio, maiores dificuldades. Frequentemente era-me dito que eu “falava a cantar” e para que assim deixasse de ser, precisava de ler bastante antes, ouvir peças dos profissionais e treinar várias vezes - cheguei inclusive, a treinar com acompanhamento de dois jornalistas, em dois momentos diferentes, mas em relação à mesma peça (Alzheimer), para que, no mínimo, o meu tom se aproximasse do esperado ao mesmo tempo que tinha o meu cunho pessoal e, ainda que não me sinta satisfeita com o desempenho, reconheço melhorias.

4.5. Pressão do tempo no jornalismo

Durante os três meses de estágio, deparei muitas vezes com a questão do tempo no jornalismo. Desde a primeira semana que ouvi que existe hora para entrar ao serviço, mas nem sempre hora marcada para sair. Tudo depende do trabalho que há para fazer e a primeira noção disso começou logo nos primeiros dias – em todos eles tinha de ter pronta uma síntese, levasse metade do dia ou até mesmo o dia todo, como acabou por acontecer.

Com o início das saídas em reportagem entendi em definitivo o que é não poder fazer planos com o tempo, no jornalismo. Existe hora marcada para exercer funções – e acontece ser necessário, antes dessa hora, estar na redação para adiantar trabalho relacionado com a saída ou com outras já realizadas ou por realizar -, mas a hora de saída é, grande parte das vezes, imprevisível. A isto deve-se o facto de que, quando se sai em reportagem, apesar da hora marcada no local, poderem acontecer atrasos ou o acontecimento demorar mais do que estava planeado, à partida. A juntar a isso, dependendo de onde é o acontecimento, ainda se junta o tempo de viagem e a edição da peça, que tanto pode acontecer no local – caso a peça tenha de ser enviada para a sede pouco depois da recolha das informações. Como exemplo, o Congresso Nacional dos Médicos em que a jornalista da Antena 1, após a manhã de conferências, no intervalo de

almoço, estive a editar para que peça saísse pouco tempo depois e antes das conferências da parte da tarde -, ou na redação - caso não haja pressão de tempo para a enviar para a sede. Assim sendo, as peças tanto podem ser pedidas para que estejam prontas, no próprio dia em que as equipas vão ao local do acontecimento, como para o dia seguinte ou até mesmo para a semana seguinte, como observei acontecer – como exemplo, a peça sobre o colecionador de puzzles, que sairia apenas alguns dias depois.

Uma vez que o trabalho é constante no mundo do jornalismo porque as notícias estão sempre a surgir, fui dando conta que os jornalistas mesmo quando tinham alguns dias para construir a peça, não adiavam trabalho. Muito pelo contrário, privilegiavam o adiantamento para que não ficasse um acumulado de trabalhos – até porque, no caso da televisão, nem sempre as equipas de reportagem são as mesmas, o que faz com que os repórteres de imagem também tenham trabalho constante, o que pode provocar em situação de adiamento, o não conseguir conciliar tempo com o jornalista para terminar a peça. No caso dos jornalistas de rádio, o trabalho deles é mais independente e autónomo, no entanto, também sofrem a pressão de ter de as peças prontas para que não se acumulem com outras.

Na minha experiência, pressão de tempo obrigatório de ter as peças prontas, não tive. Contudo, só mais tarde me inspirei nos profissionais, no sentido de ir fazendo as peças para não deixar acumular ao mesmo tempo que conciliava com as saídas. Queria muito aproveitar todas as deslocações para acontecimentos que podia, que quando dei por mim, tinha bastantes trabalhos em mãos e nem todos consegui começar ou terminar a tempo do final do estágio. Em comparação, não tinha a experiência deste tipo de trabalho e tenho noção que os meus métodos me levavam bastante tempo, para cada peça. À conta disto fiz menos peças do que pretendia, sobretudo para televisão.

Como referi anteriormente, horários para um jornalista é algo que nem sempre existe, em prol do trabalho. Como exemplo tenho o meu último dia de estágio em que pretendia concluir umas quantas peças e iniciar e terminar uma das que tinha em atraso. No entanto, à conta de uma peça de televisão em específico – Alzheimer - que me levou grande parte do dia para terminar – devido à gravação dos *offs* em que precisei de ajuda por não estar a conseguir atingir o tom pretendido – não só fez com que almoçasse já para lá da hora a que habitualmente se faz essa refeição, como não me permitiu disponibilizar tempo – sobretudo para conciliar com os repórteres de imagem presentes

naquele dia – para a fazer. O jornalismo por vezes tem destes constrangimentos e nem tudo o que se planeia se consegue fazer dentro do pensado – pode acontecer, por exemplo, a gravação não sair à primeira ou na redação do texto jornalístico existir um “bloqueio” -, mas acredito que – e uma jornalista também me disse -, com o exercício da profissão, desenvolvem-se competências para contornar determinadas situações, dentro deste aspeto (relacionado com o tempo), para a pressão não ser tão grande – como a rapidez a olhar para o conteúdo e a surgir ideias de redação do texto e de edição de peça, o aproveitar melhor os tempos disponíveis para adiantar serviço de modo a evitar acumulações. E o mais importante que é saber conciliar as saídas com as peças que delas resultam porque o trabalho de um jornalista é esse mesmo.

5. Importância dos profissionais da Delegação

Estagiar na redação de Coimbra foi uma experiência muito enriquecedora, muito à conta dos profissionais que lá trabalham. Comprovei todas as boas referências que me tinham dado em relação a quem lá estava. Não fossem eles e talvez não me sentisse tão bem todos os dias, na redação.

Ao longo dos três meses presenciei um ambiente que considero ser essencial para que o trabalho seja prazeroso. A boa disposição era constante e comum a todos. São pessoas muito simpáticas e prestáveis. Com que pude aprender tanto dentro como fora da redação, mesmo que nem tivessem noção de estar a ensinar algo.

Na redação sempre existiu espaço para conversar com os profissionais sem ser necessariamente sobre trabalho e recordo passagens muito engraçadas que, aliás, foram constantes desde o primeiro dia.

No que diz respeito ao contexto de trabalho, os jornalistas, técnicos de som e técnicos de imagem foram como “professores”, ao longo da minha passagem pela Delegação. À medida que comecei a sair com as equipas de reportagem, foi uma aprendizagem constante, não só através da observação, mas também de conselhos dos próprios, consoante a situação em que estávamos. Sobretudo os jornalistas que fui acompanhando, quer de televisão quer de rádio, faziam questão de ir dando dicas do que ter em atenção, para um bom trabalho. Mesmo na redação, muitas vezes tinham o cuidado de passar conhecimentos, mediante as suas experiências profissionais.

Esta experiência permitiu que eu tenha ganho uma noção maior da real importância do jornalismo no quotidiano. Ser jornalista é muito mais do que fazer notícias e o jornalismo é muito mais do que um conjunto de notícias. Tudo isto é serviço público e o trabalho que os profissionais desta área têm - de maneira a fazer o melhor trabalho possível - é de louvar porque nem sempre têm a tarefa facilitada, passam por constrangimentos que ameaçam o seu trabalho, mas não desistem para que o público tenha ao seu dispor a informação disponível para se manter informado.

6. Conclusões finais sobre o estágio e o que fica do estágio

Estagiar na redação da RTP em Coimbra foi uma experiência inesquecível. Apesar dos tempos conturbados que o país atravessava na altura devido à pandemia, felizmente deu tudo certo e não poderia estar mais feliz.

A redação foi sem dúvida alguma, uma verdadeira escola. Tudo o que aprendi e a bagagem que carrego de agora em diante, a eles devo. E aprende-se muito a observar, a trabalhar e até mesmo numa conversa informal.

Cheguei à redação com o peso da falta de formação na área da comunicação social e com a noção da responsabilidade de ter querido estar num sítio que aos meus olhos me “impunha respeito”, mas, ao mesmo tempo, com imensa vontade de aprender. Depressa percebi que não era necessário levar tão a sério a sigla RTP porque afinal de contas, existia espaço para trabalhar e para descontraír. Descontraír no sentido de existir abertura para gargalhadas e conversas que em nada estivessem relacionadas com trabalho. Para mim, as pessoas fazem os lugares e eles são um dos motivos pelos quais gostei tanto de com eles estagiar.

Confesso que passei os três meses sempre com o pensamento de “estar às cegas” naquilo que eu considerava ser preciso para ali estar e fazer um bom trabalho. No entanto, a partir do momento em que disse qual a minha formação - a propósito de uma pergunta que me foi feita por uma jornalista, no seguimento de uma peça -, senti-me muito melhor porque dali em diante estava mais confortável para pedir ajuda quando precisava, sem sentimento de “culpa”. E as célebres palavras que me foram dirigidas por ela (jornalista), no sentido de eu conseguir igualmente fazer o estágio, tiveram alento em mim.

Mentiria se dissesse que a partir desse dia o “peso” tinha desaparecido, porque na verdade, o que passei a sentir foi que, caso demonstrasse “fragilidade” a nível de conhecimentos ou prática, iriam olhar para mim “de forma diferente” devido a não ter formação. Eu não queria que isso acontecesse e então acabava por não pedir ajuda tantas vezes quantas precisava. A juntar a isso, o facto de existir tanto que eu não sei ainda, nesta área, e por isso não me questionar ou não questionar alguém. Talvez isso me tenha prejudicado no sentido de aproveitar melhor quem lá estava e tinha mais conhecimentos do que eu. Um exemplo disso mesmo, foi uma peça de rádio que fiz (em que os sons me foram passados por uma jornalista que habitualmente não trabalha para rádio) e que no decorrer da edição notei que o som não estava nos dois canais, na parte dos entrevistados. Reparei no aspeto e no som quando ouvia com os fones e por acaso no momento em que notei que algo não estava bem – mas que pensava ser dos meus fones –, a minha colega estagiária disse-me do que se tratava. Mas eu não sabia como resolver a situação e como sem fones se ouvia de igual forma, acabei por deixar passar os dias sem perguntar a alguém como compor até porque não tinha noção que assim não estava um bom trabalho e, entretanto, meteram-se outros. Nos últimos dias, um jornalista da Antena 1 reparou e alertou para o facto de assim não estar bem-feita a peça caso fosse para passar na rádio e ensinou-me como melhorar e como fazer, sempre que aquela situação acontecesse. Caso ele não tivesse reparado, provavelmente não teria aprendido. Hoje sei que se dessa forma não pensasse ou se estivesse mais “relaxada” (quanto à minha falta de formação na área), teria desfrutado mais da experiência porque estava ali para aprender.

Ainda sobre as peças, nem todas as minhas saídas resultaram numa. Talvez pela minha forma de trabalhar, uma vez que tenho consciência que levava algum tempo a fazer cada passo. Eu precisava de transcrever tudo o que era entrevista fosse de rádio ou para televisão, para que tudo na minha cabeça fluísse de melhor forma. E só isso leva tempo, fora tudo o resto do processo de construção. Eu escrevia imensas versões até que me soasse bem e, muitas vezes, demorava até que as ideias me saíssem e só quando tinha noção que com ajuda “desbloquearia”, pedia ajuda e lá está, não era de um dia para o outro que isso acontecia. Só mesmo quando eu achava que não conseguia porque num primeiro pensamento queria dar o meu melhor e testar-me e também não queria incomodar ninguém. De forma que acumulava facilmente trabalho e, se tive saídas que

não foram transformadas em peça por conselho, houve algumas que não chegaram a ser começadas ou terminadas, porque não consegui tempo até ao último dia de estágio. Exemplo disso é uma das últimas peças que tinha planeado fazer no último dia de estágio, mas que não consegui porque passei grande parte do dia a gravar e regravar os *offs* de uma peça de televisão e o tempo que me faltou estive nas ilhas de edição a terminar as que me faltavam. Assim como as peças do meu último dia de saída em reportagem, nem comecei porque os dois dias que me faltavam, já estavam destinados ao que tinha para terminar. No entanto, consigo reconhecer que ao longo do tempo consegui ser mais prática e rápida na minha forma de trabalhar em comparação aos primeiros dias. E levo como aprendizagem o facto de uma vez uma jornalista me ter perguntado se eu queria ir com a RTP e eu responder que tinha trabalho em mãos e ela me ter dito que eles também tinham. E foi algo que me ficou no pensamento e que ela tem toda a razão e que me fez ver que realmente tinha de ser mais despachada a trabalhar porque enquanto estagiária não tinha tempo estipulado para fazer as peças porque os trabalhos ficavam em arquivo, mas enquanto profissional teria de as ter prontas no próprio dia, se fosse preciso.

Destaco como ponto muito positivo a predisposição dos profissionais para ajudarem e ensinarem, sempre que era preciso e mesmo quando não era pedido, mas achavam pertinente. E ainda o facto de se dirigirem tanto a mim como à minha colega estagiária, tanto na redação como em saídas, com dicas para o futuro na área do jornalismo.

As saídas em reportagem, para mim, eram muito mais do que “apenas trabalho”. Não só podia presenciar o trabalho de bons profissionais e aprender com eles, como acabava por ser uma forma de estabelecer e fortalecer ligações porque por vezes eram saídas de algumas horas. E mesmo que fossem saídas curtas, eram constantes e todo esse tempo era propício para conversa de trabalho e não só. Havia espaço para tudo e era sempre agradável estar com eles fosse qual fosse o contexto.

A maioria das minhas saídas foi com a RTP e por isso mesmo, passei muitas horas fora da redação com a jornalista Ana Simões e também na redação por causa das peças. À conta disso, tenho um carinho muito grande por ela e foi sem dúvida alguma das pessoas que ali mais me marcaram. Relembro um episódio, passado no meu último dia de estágio, em que estive em estúdio cerca de quatro horas para gravar os *offs* para uma peça de televisão. Não estava a gostar do resultado e por isso fui gravando e regravando

até gostar de me ouvir. Da parte da manhã estive à volta de duas horas e meia e em alguns momentos um jornalista da Antena 1 veio até mim e esteve a dar-me indicações, no entanto, continuava a tentar e sem gostar. Até que me fartei porque não estava a resultar e voltei para a redação. No momento em que cheguei e reclamei que não estava a conseguir, ela prontificou-se a ajudar-me a gravar. E depois de almoço foi comigo a estúdio e de forma generosa esteve comigo cerca de uma hora e meia a ajudar-me a gravar *off a off* com a entoação necessária, nem que para isso precisasse de repetir duas, três, quatro vezes e ela repetir todas as indicações que já me tinha dado. Chegou a ler comigo frase a frase, palavra por palavra vezes seguidas, a ensinar exercícios para melhorar a dicção, tudo e mais alguma coisa que no entender dela me fosse ajudar. Foi uma ajuda preciosa e um gesto muito bonito da parte dela até porque já não tinha mais trabalho naquele dia a fazer na redação. Fora o tempo que estive comigo a ajudar a construir a peça porque me tinha lançado o desafio de fazer algo diferente e eu sozinha não estava a conseguir. Sou-lhe muito grata pelo que aqui descrevo e por toda a ajuda que me foi dando ao longo do estágio.

Todos sem exceção sempre foram muito prestáveis e generosos. Acontecia sair em reportagem com chegada prevista em horário que não tinha autocarro disponível para voltar para casa e na vinda, fosse quem fosse com quem eu ia, deixavam-me em casa ou então deixavam-me em casa caso ficasse em caminho, se estivesse perto da hora em que eu costumava sair da redação. Inclusive, em saídas em que era necessário estar cedo na redação, se a minha casa ficasse em caminho, apenas precisava de esperar por eles e apanhavam-me. E, mais um exemplo da simpatia da parte de todos, foi o permitirem, mesmo em altura de pandemia, que a minha irmã mais nova estivesse comigo na RTP para que não estivesse sozinha em casa à minha espera. Certo dia comentei que a minha irmã iria passar comigo as minhas duas últimas semanas em Coimbra e Pedro Ribeiro, no momento, sugeriu que ela fosse lá conhecer o espaço e assim não estava sozinha. Apreciei o gesto, mas não tencionava que ela fosse comigo, pela altura que atravessávamos e porque a redação, em alguns dias, estava cheia e não sabia até que ponto todos se sentiriam confortáveis com a presença dela. E também porque estaria em trabalho e não lhe poderia dar atenção. Contudo, no penúltimo dia, perguntei a Horácio Antunes - que ficou a "substituir" Pedro Ribeiro em algumas funções, enquanto ele estava fora em trabalho -, se ela sempre poderia ir e se não haveria mesmo problema e, de imediato,

disse-me que sim. No dia seguinte, como esperava, tive bastante trabalho e mal a vi durante o dia, mas consegui presenciar o bem que a receberam e foram interagindo com ela mesmo quando eu não estava. E estas situações não se esquecem.

Do estágio ficam ainda os sítios que visitei e nos quais nunca tinha estado; as pessoas com quem tive contacto e até alguns contratempos normais neste tipo de trabalho que acabam por se tornar numa aprendizagem para eventuais situações futuras; fica a memória de um dia em que, mesmo sendo esta a minha primeira experiência, me senti muito bem porque ao invés de ser eu a aprender, fui eu a poder ensinar uma das jornalistas como se grava no estúdio de rádio; ficam muitas gargalhadas e muitas situações diárias engraçadas; fica na memória uma tarde em especial, de lanche/convívio na redação com os profissionais; ficam na memória dias felizes acima de tudo.

Ficam imensos ensinamentos a nível de programas e as suas funcionalidades; como se escrevem notícias para rádio e para televisão; como se prepara para uma saída e como se “constrói uma notícia” ainda no local; fica o aprender que se tem de estar sempre atento ao que se vê e ao que se ouve, no local, para que o trabalho flua melhor, mesmo existindo uma pesquisa por trás; fica a noção de que por vezes o tempo é curto e que se tem de editar e montar a peça no local ou que durante a viagem de volta é preciso escrever os textos para a pivô + títulos + oráculos, no telemóvel para logo enviar; fica o aprender que se tem de ter na mochila sempre algo para comer e beber porque nem sempre acontece poder fazer-se as refeições porque ou se está em viagem ou se está em trabalho ou porque há dias em que se está fora durante horas e podem não existir estabelecimentos onde se comprar algo ou até mesmo peças de roupa porque nunca se sabe que tempo se irá encontrar; fica o almoçar-se na hora do lanche ou o almoçar à pressa para se sair; fica o ter horários para entrar ao serviço e nem sempre se ter horário certo para sair; e tantas outras coisas que fazem parte da vida de um jornalista porque era uma aprendizagem diária, desde o primeiro dia, sobretudo por ser tudo novo para mim.

Desta passagem pela RTP ficam as emoções vividas em trabalho fora da redação e devido ao trabalho, dentro dela; ficam as pessoas e as memórias; fica a admiração pelo profissionalismo a que tive acesso e que guardo como inspiração.

Em suma, fica o sentimento de objetivos traçados cumpridos sem que isso invalide pensar que poderia ter aproveitado mais a experiência porque sou da opinião de

que podemos usufruir sempre mais de uma oportunidade como esta. Fica o chegar sem saber praticamente nada e o sair com o sentimento de saber e de saber fazer. Ficam três meses de estágio enriquecedores.

BIBLIOGRAFIA

da Cunha, A. A. (1990). *Telejornalismo*. São Paulo: Editora Atlas S.A.

Ferreira, G. B.; & Borges, S. (2020). Media and Misinformation in Times of COVID-19: How People Informed Themselves in the Days Following the Portuguese Declaration of the State of Emergency. *Journalism and Media*. <https://doi.org/10.3390/journalmedia1010008>.

Jespers, J. J. (1998). *Jornalismo Televisivo*. Coimbra: Minerva.

Lopes, F. (2007). *A TV das Elites. Estudo dos programas de informação semanal dos canais generalistas (1993-2005)*. Porto: Campo das letras, Editores, S.A.

Martins, C. (2013). *O que merece ser notícia na televisão? O domínio da informação-espetáculo*. (Relatório de Estágio de Mestrado). Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Consultado a 03/02/2021.

OberCom & Intercampus (2020). *Pandemia e consumos mediáticos*. Disponível em: <https://obercom.pt/pandemia-e-consumos-mediaticos/>

Oliveira, J. (2007). *Manual de Jornalismo de Televisão*. Lisboa: Centro Protocolar de Formação Profissional para Jornalistas (Cenjor).

RTP (2021). Contrato de Concessão do Serviço Público de Televisão. Consultado a 04/02/2021. [Disponível em <https://media.rtp.pt/empresa/informacao/contrato-de-concessao-publica-radio-etelevisao/>]

RTP (2021). História. Consultado a 04/02/2021. [Disponível em <https://media.rtp.pt/empresa/rtp/historia/>]

RTP (2021). Missão. Consultado a 04/02/2021. [Disponível em <https://media.rtp.pt/empresa/rtp/missao/>]

RTP (2021). Portugal em Direto. Consultado a 04/02/2021. [Disponível em <https://www.rtp.pt/programa/tv/p19455>]

Silva, M. T., Figueiras, R., Brites, M. J., Amaral, I., Maropo, L., Santos, S. C., Jerónimo, P., Santo, P. E., & Pacheco, L. (2017) Audiências e cross-media: um estudo de padrões de consumo de notícias em Portugal. *Revista Estudos em Comunicação*, 1 (25), 177-199. doi: 10.20287/ec.n25.

Sousa, J. P., & Aroso, I. (2003). *Técnicas Jornalísticas nos Meios Eletrónicos. Princípios de Radiojornalismo, Telejornalismo e Jornalismo On-line*. Porto: Edições Universidade Fernando Pessoa.

Sousa, J. P. (2001). *Elementos de jornalismo impresso*. Porto.

Vaz, D. (2009). *A Informação Televisiva: Análise dos Noticiários das Televisões Generalistas em Portugal*. (Tese de Mestrado). Universidade da Beira Interior. Consultado a 28/01/2021.

